

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Maria Isabel Andrade Dantas

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA  
ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS EM ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES:  
A IMPORTÂNCIA DAS VARIÁVEIS AUTOESTIMA E  
NARCISISMO**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica e  
da Saúde orientada pelo Professor Doutor Rui Alexandre Paquete  
Paixão apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciência da  
Educação da Universidade de Coimbra.**

Setembro de 2023



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Maria Isabel Andrade Dantas

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA  
VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS  
ÍNTIMOS EM ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES:  
A IMPORTÂNCIA DAS VARIÁVEIS  
AUTOESTIMA E NARCISISMO**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica e  
da Saúde orientada pelo Professor Doutor Rui Alexandre Paquete  
Paixão apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciência da  
Educação da Universidade de Coimbra.**

Setembro de 2023

### **Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos em Estudantes Universitários Portugueses: A importância das variáveis Autoestima e Narcisismo**

Resumo: A presente investigação tem como principal objetivo identificar as representações sociais da Violência entre Parceiros Íntimos (VPI), numa amostra de 251 estudantes universitários portugueses. Foi ainda explorada a importância das variáveis autoestima, narcisismo e variáveis relacionadas com a violência, quer na infância e/ou adolescência, quer no relacionamento, nas representações sociais da VPI. Para tal, utilizou-se um protocolo de investigação *online* que incluía um Questionário sociodemográfico, o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS), a Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC), a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) e o Inventário de Personalidade Narcísica de 13 itens (NPI-13). Os resultados espelham níveis baixos de aceitação da VPI nesta amostra, havendo uma maior legitimação por parte dos participantes do género masculino, dos sujeitos que nunca estiveram numa relação amorosa e daqueles que se encontram no início do seu percurso académico. Não se verificou influência da autoestima, do narcisismo, da idade, do curso, nem da experiência de ter vivenciado e/ou testemunhado violência na infância e/ou adolescência nas representações sociais sobre a VPI dos estudantes. Os resultados permitiram também concluir que nesta amostra o que prediz uma maior legitimação da VPI é ser do género masculino, seguido de nunca ter estado envolvido numa relação amorosa.

*Palavras-Chave:* representações sociais, violência entre parceiros íntimos, estudantes universitários, autoestima, narcisismo

### **Social Representations of Intimate Partner Violence on Portuguese University Students: The importance of the variables Self-esteem and Narcissism**

Abstract: The present investigation aims to identify the social representations of Intimate Partner Violence (IPV) in a sample of 251 Portuguese university students. The importance of the variables self-esteem, narcissism, and variables related to violence, whether in childhood and/or adolescence or relationships, in the social representations of IPV was also explored. To this end, an online research protocol was used that included a sociodemographic questionnaire, the Conjugal Violence Questionnaire – Stories (QRVC-HIS), the Scale of Beliefs about Conjugal Violence (ECVC), the Rosenberg Self-Esteem Scale (EAR), and the 13-item Narcissistic Personality Inventory (NPI-13). The results reflect low levels of acceptance of IPV in this sample, with higher legitimization from male participants, subjects who have never been in a romantic relationship, and those who are at the beginning of their academic career. There was no influence of self-esteem, narcissism, age, course, or the experience of having experienced and/or witnessed violence in childhood and/or adolescence on students' social representations of IPV. The results also allowed us to conclude that in this sample what predicts higher legitimization of IPV is being male, followed by

never having been involved in a romantic relationship.

*Keywords:* social representations, intimate partner violence, university students, self-esteem, narcissism

## **Agradecimentos**

O meu muito obrigada a todas as pessoas importantes na minha vida e que me acompanharam ao longo de todo o meu percurso, que me ajudaram a ver o mundo de várias formas e sem os quais isto não seria possível.

Aos meus pais, pelo apoio e esforço incansáveis, por me darem as oportunidades e por acreditarem sempre em mim.

Ao Leonardo por todo o apoio, amor e paciência incondicionais e pelos muitos passeios revitalizantes.

À minha família, tias e primos por todas as palavras de apoio, carinho e preocupação e por todos os momentos felizes.

À Sofia pela amizade incrível, desabafos, tardes de trabalho, ajuda e motivação para conseguir chegar até aqui.

Às Doritas Eliana e Tatiana pela vossa presença e bons momentos de apoio e diversão desde a licenciatura. Um especial obrigada à Eliana pela ajuda na estatística.

Ao Professor Doutor Marco Pereira pela paciência, trabalho e ajuda na parte da estatística e da análise dos resultados.

Ao Professor Doutor Rui Paixão pela orientação, disponibilidade e profissionalismo que demonstrou ao longo deste trabalho.

Por fim, a todos e a todas que aceitaram participar neste estudo, sem os quais não teria sido possível a realização do mesmo.

Muito obrigada!

## Índice

Introdução .....	1
I – Enquadramento conceptual.....	1
1.    Violência entre Parceiros Íntimos .....	1
2.    Representações sociais sobre a VPI.....	4
3.    Autoestima.....	7
4.    Narcisismo.....	9
II - Objetivos e hipóteses de investigação.....	10
III – Metodologia .....	11
3.1. Descrição da amostra .....	11
3.2. Instrumentos.....	13
3.2.1. Questionário sociodemográfico .....	13
3.2.2. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC- HIS).....	13
3.2.3. Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC)..	14
3.2.4. Escala de Autoestima de Rosenberg - Versão portuguesa de Santos e Maia (2003).....	14
3.2.5. Inventário de Personalidade Narcísica-13 (NPI-13) - Versão portuguesa de Pechorro et al. (2016).....	15
3.3. Procedimentos de Investigação .....	16
3.4. Procedimentos Estatísticos.....	16
IV - Resultados.....	17
4.1. Estatísticas descritivas (histórico de violência na infância e no relacionamento; descrição dos instrumentos).....	17
4.2. Representações sociais sobre a VPI .....	18
4.3. Relações entre as variáveis representações sociais da VPI, autoestima, narcisismo, testemunho de violência na infância, vítima de violência na infância, violência no relacionamento e experiência de qualquer violência .....	21
4.4. Preditores das representações sociais da VPI e da autoestima	23
V - Discussão .....	28
5.1. Estatísticas descritivas (histórico de violência na infância e no relacionamento; descrição dos instrumentos).....	28
5.2. Representações sociais sobre a VPI .....	29
5.3. Relações entre as variáveis em estudo .....	30
5.4. Preditores das representações sociais da VPI e da autoestima	32
Conclusões .....	33
Bibliografia .....	35
Anexos .....	42

## **Introdução**

A violência entre parceiros íntimos (VPI) não é um fenômeno recente, mas só a partir da década de 60 é que se constituiu como um problema social, tendo como foco inicial a violência marital (Caridade & Machado, 2006). Recentemente evidencia-se uma difusão da investigação a outros tipos de violência e grupos (Caridade & Machado, 2006).

A prevalência da VPI é elevada, quer a nível nacional, quer mundial. A compreensão e prevenção deste fenômeno, sobretudo entre os mais jovens, merece especial atenção, pois é na fase da adolescência que os indivíduos iniciam as suas relações amorosas adultas e começam a estabelecer padrões de relacionamentos interpessoais que podem persistir na vida, incluindo padrões de violência nos relacionamentos (Straus, 2004). A violência nas relações amorosas juvenis demonstra ser um dos preditores para a violência conjugal (Matos, 2006).

Os estudantes universitários têm vindo a ser identificados como uma população de risco para a vivência de VPI, sendo que atualmente vários estudos evidenciam a prevalência da VPI nesta população, em termos mundiais e nacionais (Machado et al., 2003; Neves et al., 2022; Straus, 2004).

Contudo, apesar do aumento das investigações sobre a VPI, esta demonstra ser ainda banalizada, através de crenças legitimadoras partilhadas por diferentes sujeitos de diferentes culturas. A aceitação ou não da VPI nestas populações influencia o comportamento de vítimas e de agressores, de forma direta ou indireta (Matos, 2006). Assim, as representações sociais são um aspeto crucial a analisar nos comportamentos violentos, uma vez que influenciam as narrativas e a forma como as pessoas veem e atuam no mundo, sendo importante compreendê-las e enquadrá-las no contexto social, cultural e político do indivíduo (Vieira, 2013). Deste modo, é crucial compreender como alguns fatores afetam as representações sociais e as atitudes em relação à VPI dos estudantes universitários, com vista a produzir maior conhecimento sobre o problema, lidar com a prática futura e poder preveni-lo, particularmente nesta população.

A autoestima tem vindo a ser descrita como um antecedente ou fator de risco para vitimação ou perpetuação da VPI e simultaneamente como uma consequência da vivência de violência, quer na infância, quer nos relacionamentos adultos (Güler et al., 2022). Este construto parece ainda ter um papel importante nas representações sociais acerca deste tipo de violência (Lawal et al., 2019; Yilmaz & Taplak, 2021).

O narcisismo também contribui para esta problemática da VPI, sendo que vários autores o consideram um preditor da perpetuação desta violência (Fields, 2012; Green et al., 2020; Plouffe et al., 2022; Stevens, 2013), assim como um preditor da legitimação da VPI (Da Silva, 2007).

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1. Violência entre Parceiros Íntimos**

A violência doméstica, a violência conjugal e conseqüentemente a VPI têm sido objetos de estudo na investigação (Lopes et al., 2022; Stokes et al.,

2020) e representam um problema de saúde pública marcante na sociedade, desde a antiguidade até aos dias de hoje (Cruz, 2014; Prasad & Periyar, 2019). Este fenómeno sociocultural tem vindo a ser reconhecido internacionalmente como uma questão de direitos humanos, fazendo parte das preocupações a nível político, social e da saúde pública (Lelaurain et al., 2022). Contudo, apesar do crescente reconhecimento, a VPI ainda persiste como um problema socialmente aceite e pouco abordado (Lelaurain et al., 2022).

A Organização Mundial de Saúde define a VPI como um comportamento perpetrado por um companheiro íntimo ou um ex-companheiro, que causa sofrimento físico, sexual e/ou psicológico no outro (WHO, 2021), podendo igualmente resultar em incapacidade ou morte da vítima (Vallejos et al., 2021). A VPI integra-se na violência interpessoal (Vallejos et al., 2021) e é a definição mais recente e ampla para esta problemática da violência nos relacionamentos, “podendo ocorrer em relações maritais e não maritais (e.g., namoro, coabitação, separação), atuais ou passadas, de carácter heterossexual ou homossexual” (Matos, 2006, p.27). Este tipo de violência compreende condutas coercitivas e agressivas por parte do agressor para com o seu parceiro íntimo (Galeli & Antoni, 2018), com o intuito de subordinar o outro e despoletar sentimentos de inferioridade, incompetência e medo (Matos, 2003).

A violência no seio dos relacionamentos pode ser manifestada através de várias tipologias, nomeadamente abuso ou violência física, psicológica, sexual, social e financeira, podendo estes diversos tipos de violência acontecer em simultâneo (Alarcão, 2006; Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2012; Lopes et al., 2022).

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2012), a violência física traduz-se em comportamentos como: bater, queimar, estrangular, induzir ou impedir que o/a companheiro/a tenha acesso a medicação ou tratamentos. Este tipo de abuso implica o uso da ameaça e força, provocando ferida e dor a nível físico na vítima (Sugarman & Hotaling, 1989).

No que concerne à violência psicológica, pode ser definida como um padrão de comunicação que visa impingir sofrimento a nível psicológico no outro, danificando a autoestima, identidade ou desenvolvimento (APAV, 2012; Straus & Sweet, 1992). Inclui comportamentos tais como: agredir verbalmente, ameaçar, rejeitar, insultar ou ainda humilhar o outro na presença de pessoas próximas ou em público (APAV, 2012; Lopes et al., 2022).

A violência sexual caracteriza-se por qualquer comportamento em que o/a companheiro/a obriga o outro a realizar atos sexuais sem consentimento (APAV, 2012).

A violência a nível social ocorre quando se verificam comportamentos que têm o intuito de controlar a vida social do companheiro/a, restringindo a sua liberdade, isolando-o/a de qualquer convívio social ou controlando todos os seus movimentos e interações (APAV, 2012; Lopes et al., 2022).

Por fim, a violência financeira diz respeito ao controlo do salário da outra pessoa, recusa em dar-lhe dinheiro ou exigir justificações sobre gastos, em que o agressor pretende ter o máximo de controlo sobre o dinheiro do/a companheiro/a (APAV, 2012).



Alarcão (2006), ressalva que frequentemente a violência vai escalando, tendo como início as agressões psicológicas, que aparentam ser mais subtis e inofensivas, evoluindo depois para a violência verbal (gritos, ameaças, insultos), acabando na violência a nível físico podendo tomar proporções maiores de violência sexual.

Relativamente à prevalência, as estatísticas de 2022 da Organização Mundial de Saúde apontam que atualmente a violência mais frequente perpetuada contra as mulheres é a violência realizada pelos parceiros íntimos (WHO, 2022). Globalmente, quase um terço (27%) das mulheres com idades entre os 15 e os 49 anos, que já estiveram numa relação, afirmam ter sido vítimas de algum tipo de violência física e/ ou sexual por parte do seu parceiro íntimo (WHO, 2022). Straus (2004) no seu estudo intercultural com estudantes universitários de 16 países, verificou que a violência física, no seio do relacionamento amoroso, tinha uma prevalência entre 17% e 45%.

Em Portugal, os dados vão no mesmo sentido do que é observado mundialmente. Não foram encontradas estatísticas em Portugal referentes apenas à VPI, mas relativamente à violência doméstica, os dados apontam para 30389 ocorrências participadas à PSP e GNR em 2022 (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG], s.d.). Caridade e Machado (2006) constatarem que cerca de 28% dos participantes do seu estudo estão, ou já estiveram, numa relação onde existiram comportamentos violentos. Os autores destacam ainda que é nas relações amorosas mais duradouras e em que há coabitação que ocorrem mais frequentemente os abusos e violência (Caridade & Machado, 2006). Os dados obtidos na investigação de Machado et al. (2014), em que foi comparada a prevalência da VPI em namorados e casados, indicaram que é nas relações de namoro que se verificam níveis mais elevados de violência física e atos mais severos. Por outro lado, a violência psicológica é mais prevalente nos parceiros casados (26%) comparativamente aos namorados (21.1%; Machado et al., 2014).

A VPI é também prevalente em estudantes universitários portugueses. Os autores de um estudo realizado a nível nacional sobre violência no namoro no ensino superior notaram que 32.4% dos indivíduos tinham já perpetrado, pelo menos, um ato de violência na sua relação de namoro e que 53.1% já tinham sido vítimas (Neves et al., 2022). A violência psicológica demonstrou ser a mais dominante, depois a violência social no contexto das relações de namoro, seguida da violência sexual, sendo a violência física a menos prevalente (Neves et al., 2022). Outro aspeto referido por estes autores foi o facto de os sujeitos que praticaram violência no namoro, bem como aqueles que foram vítimas, terem apresentado crenças mais conservadoras e legitimadoras da violência (Neves et al., 2022). No estudo de Machado et al. (2003), 15.5% dos universitários que se encontravam numa relação amorosa afirmaram já ter sido vítimas de algum tipo de violência por parte do/a parceiro/a e 21.7% admitiram já ter sido agressores na sua relação. Duarte e Lima (2006) também estudaram a prevalência da violência nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses, obtendo valores que explicam este problema como dominante e significativo, uma vez que 38.2% dos participantes asseguraram já ter estado envolvidos em comportamentos de

violência psicológica na relação e 10.7% em situações de violência física. A respeito disto, Machado, Caridade et al. (2010) também concluíram que 25.4% dos sujeitos da sua investigação reportaram já ter vivenciado atos de violência numa relação íntima.

Alguns fatores parecem estar fortemente associados à origem da VPI. A literatura aponta a exposição de violência durante a infância como uma das potenciais causas para este tipo de comportamento violento (Goodman et al., 2021; Papadakaki et al., 2009). As características ou traços de personalidade do agressor são também descritas como fatores de risco individuais para a ocorrência da VPI, salientando a relação entre os comportamentos agressivos e traços ou perturbação de personalidade narcísica (Fields, 2012; Green et al., 2020; Plouffe et al., 2022; Stevens, 2013). Outros fatores de risco incluem a presença de uma perturbação psicológica, baixa autoestima do agressor (Griffiths, 2019; Papadakaki et al., 2009; Yilmaz & Taplak, 2021), ou ainda as crenças individuais e/ ou sociais de que a violência nos relacionamentos é aceitável e normal (Matos, 2006).

A VPI é assim um fenómeno social complexo, heterogêneo que pode ocorrer em diferentes tipos de relações e em diferentes formas de violência. É um fenómeno transversal a diferentes grupos sociais e abrange várias dimensões tipológicas, severidades e frequências (Vieira, 2013).

## **2. Representações sociais sobre a VPI**

O conceito de representações sociais surgiu originalmente com Moscovici (1972), que as definiu como um conjunto de proposições, conceitos e explicações formuladas no quotidiano, abarcando um universo de opiniões. Integram igualmente os mitos e sistemas de crenças das sociedades, permitindo um conhecimento prático e uma compreensão do contexto em que o indivíduo está inserido (Moscovici, 1972). Jodelet (1989) complementa esta definição, defendendo que uma representação social é “Uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um dado conjunto social” (citado em Vala & Castro, 2013, p. 36). As pessoas constroem, assim, visões significativas do mundo, através dos processos da interação social e da comunicação, ocorrendo em diversos contextos sociais. Assim, a elaboração de crenças e visões do mundo comuns dentro dos grupos e diferentes entre os mesmos é possível devido a esta pluralidade de contextos, através do estudo da cultura, da mente individual e das interações (Vala & Castro, 2013).

Denota-se que as representações sociais influenciam fortemente o comportamento e as interações (Moscovici, 1972). Deste modo, Porto (2006) reputa ser crucial a análise das representações sociais relativamente aos comportamentos de violência, uma vez que esta análise permite identificar significados atribuídos às condutas violentas por parte dos seus intervenientes. O autor sublinha, ainda, a influência dos contextos onde estes vivem e onde ocorre a violência e aquilo que é representado ou considerado violência, quer para a sociedade, quer para as pessoas em particular (Porto, 2006). Desta forma é crucial analisar o fenómeno das representações sociais da VPI, para melhor compreender a legitimação deste tipo de violência e poder trabalhar

na prevenção.

A literatura aponta vários fatores principais que podem influenciar e diferenciar as representações sociais dos sujeitos sobre a VPI, sendo estes: o sexo/ gênero (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Machado, Macieira et al., 2010; Mena, 2016; Paiva, 2010; Vieira, 2013; Yilmaz & Taplak, 2021), a idade (Machado, Caridade et al., 2010; Machado et al., 2003), a área de formação (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Mena, 2016), a escolaridade ou ano escolar frequentado (Casimiro, 2002; Machado et al., 2003; Paiva, 2010), as experiências de testemunho ou vivência de violência na infância/ adolescência (Ferreira, 2018; Oliveira, 2021; Yilmaz & Taplak, 2021), experiências anteriores de violência num relacionamento (Aguilar, 2010; Machado, Caridade et al., 2010), o facto de estar ou não atualmente numa relação amorosa íntima (Machado, Caridade et al., 2010), o estado civil (Machado et al., 2014) e a autoestima (Lawal et al., 2019).

Geralmente existe uma associação entre as representações sociais da VPI, isto é, a sua aceitação e legitimação, e o comportamento violento, quer a nível da perpetração, quer da vitimação. Assim, quanto maior a legitimação da violência, maior tenderá a ser a ocorrência de violência no seio de relações íntimas e vice-versa (Lawal et al., 2019; Machado, Macieira et al., 2010). Machado (2005) obteve resultados no seu estudo que lhe permitiram aferir que os agressores conjugais, assim como as pessoas que se identificaram como vítimas no seu relacionamento, apresentam pontuações mais elevadas na legitimação desta violência. Outros estudos demonstram, também, que quem já foi vítima de violência no relacionamento tende a expressar maior legitimação desta violência (Aguilar, 2010; Machado, Caridade et al., 2010). Isto pode ser justificado pela crença de que o ato violento foi apenas um ato isolado e que se deve preservar a família acima de tudo (Matos, 2006).

A generalidade da população portuguesa apresenta crenças pouco legitimadoras da VPI (Aguilar, 2010; Machado, 2005; Machado et al., 2014; Machado, Macieira et al., 2010). Relativamente à população de estudantes universitários, apesar de existirem alguns tipos de crenças nos participantes, estes demonstram legitimar um pouco menos a violência (Baptista, 2013; Dias, 2018; Machado et al., 2003; Monteiro, 2015; Vieira, 2013). Mais recentemente Rodrigues et al. (2022) obtiveram resultados com níveis relativamente elevados de legitimação de atos violentos no seio de relações íntimas nos estudantes universitários portugueses da amostra. Frequentemente a violência é mais aceite pela sociedade quando praticada por uma mulher contra um homem (Price & Byers, 1999). O tipo de violência mais legitimada e justificada é a violência psicológica, sendo a violência sexual a menos legitimada (Monteiro, 2015; Price & Byers, 1999).

Os sujeitos do sexo masculino legitimam mais a VPI (Machado, 2005; Machado et al., 2014; Oliveira, 2021). O mesmo se verifica com os estudantes universitários do género masculino (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Machado, Macieira et al., 2010; Mena, 2016; Paiva, 2010; Vieira, 2013; Yilmaz & Taplak, 2021). Na visão de Machado et al. (2003) esta maior aceitação pode ser justificada por estes devido às condutas da mulher. Os homens também minimizam mais os atos de pequena violência e atribuem

mais frequentemente a causa da violência a motivos externos, considerando mais relevante manter a privacidade familiar (Machado et al., 2003). A variável idade também aparenta influenciar as representações sociais da VPI, apesar de não haver grande consenso na literatura. Alguns estudos sustentam não haver diferenças estatisticamente significativas entre as idades dos participantes (Dias, 2018; Ferreira, 2018). Aguilar (2010) no seu estudo com uma amostra da população geral, evidenciou uma relação entre a idade e a legitimação da VPI, isto é, quanto maior a idade maior a legitimação.

No que diz respeito aos estudantes, várias investigações evidenciaram uma menor legitimação e justificação da violência em estudantes mais velhos (Machado, Caridade et al., 2010; Machado et al., 2003). Estes níveis mais baixos de legitimação da violência por parte de estudantes mais velhos podem ser explicados pelo efeito interativo de processos desenvolvimentais dos sujeitos, nível educacional mais elevado e maior experiência em relacionamentos íntimos (Feiring et al., 2002 como citado em Machado, Caridade et al., 2010). Do ponto de vista de Machado, Caridade et al. (2010), os estudantes universitários que não se encontravam envolvidos numa relação amorosa no momento do estudo e aqueles que nunca tinham estado envolvidos numa relação amorosa, apresentaram níveis mais elevados de suporte da violência, legitimando-a mais do que aqueles que se encontravam numa relação amorosa aquando do estudo. Pessoas casadas também demonstram maior legitimação da violência, comparativamente às que se encontram numa relação de namoro (Machado et al., 2014).

No que diz respeito concretamente aos estudantes universitários, indivíduos que frequentam os últimos anos de uma formação superior, tendem a apresentar atitudes menos tolerantes e legitimadoras face à VPI (Machado et al., 2003; Paiva, 2010). Contudo, Lameira (2013) no seu estudo com estudantes universitários não verificou efeito do ano escolar nas representações sociais sobre a VPI. Existem também diferenças nas atitudes e representações sociais da violência dos alunos universitários em função das áreas de formação. Os alunos de psicologia são menos legitimadores e justificam menos a violência, comparativamente às áreas de engenharia e tecnologia (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Mena, 2016). Machado et al. (2003) concluíram que os estudantes que frequentavam cursos das ciências exatas (Engenharias, informática e matemática) legitimam mais a VPI e sujeitos que frequentavam cursos humanos, tais como sociologia e direito, apresentam valores próximos aos estudantes de psicologia. No entanto, estes estudos não incluíram o controlo da variável género.

As experiências vivenciadas pelos sujeitos durante a vida têm forte impacto na sua forma de pensar, constituindo uma base fundamental para as suas representações sociais. Assim, também experiências de vivência ou testemunho prévio de violência durante a infância e/ou adolescência são um dos fatores chave que influenciam as representações sociais de cada sujeito acerca da VPI (Lameira, 2013; Souza, 2015). A concordância com crenças legitimadoras de violência é maior nos indivíduos que testemunharam violência conjugal e/ou violência no seio familiar, comparativamente com os que não vivenciaram (Ferreira, 2018; Oliveira, 2021; Yilmaz & Taplak, 2021).

Lameira (2013) constatou na sua investigação que a experiência de violência direta ou indireta não influenciou as representações sociais dos participantes acerca da VPI. Contudo, tem influência na vitimização de violência no seio dos relacionamentos aquando da vida adulta (Lameira, 2013).

### 3. Autoestima

A autoestima ocupa um lugar primordial em várias áreas de investigação psicológica, sendo um dos construtos mais trabalhados na área da psicologia (Güler et al., 2022; Santos & Maia, 2003). O seu conceito é multifacetado e continua a ser explorado por diversos autores ao longo do tempo (Güler et al., 2022). Rosenberg (1965) apresenta a autoestima como a avaliação global que o sujeito faz de si mesmo, que engloba uma componente afetiva, expressando uma atitude de aprovação ou desaprovação em relação ao próprio e formando uma imagem base acerca de si (Matheson et al., 2015; Rosenberg, 1965). Assim, a autoestima baseia-se não só na avaliação das qualidades do *self*, como também das qualidades importantes para o sujeito, nomeadamente os seus desempenhos, valores morais e virtudes (Rosenberg, 1965). Uma autoestima elevada está associada a um funcionamento psicológico saudável e sentimentos positivos em relação a si próprio, permitindo que o indivíduo sinta que tem valor (Miller & Cho, 2018; Rosenberg, 1965). Por outro lado, uma baixa autoestima é caracterizada por autoavaliações negativas e diminuição da própria valorização, demonstrando ser um sintoma ou um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias (Miller & Cho, 2018; Rosenberg, 1965).

A autoestima desempenha um papel importante na relação entre as experiências vivenciadas na infância e a resolução de conflitos na vida adulta (Goodman et al., 2021). Orth (2018) argumenta que fatores ligados à infância dos sujeitos, nomeadamente a qualidade do ambiente familiar e a qualidade da relação parental são preditores da autoestima numa fase inicial da idade adulta. Experiências de violência na infância também influenciam a autoestima, sendo que sujeitos que foram vítimas de violência na infância ou testemunharam violência doméstica aparentam ter autoestima mais baixa, estando também mais predispostos a se envolverem em violência no seio dos relacionamentos (Goodman et al., 2021; Papadakaki et al., 2009).

A literatura afirma ainda que a autoestima se encontra fortemente relacionada com as nossas interações sociais (Denissen et al., 2008). No contexto dos relacionamentos íntimos, esta apresenta especial influência na perceção das interações sociais dos sujeitos e na interpretação dos sinais como ameaçadores ou inofensivos para a própria imagem e valor pessoal (Goodman et al., 2021; Güler et al., 2022). Assim, indivíduos com níveis mais elevados de autoestima apresentam maior aceitação do compromisso de uma relação íntima, interpretando comportamentos de maneira menos ameaçadora do ponto de vista social (Murray et al., 2006). Pelo contrário, indivíduos com baixa autoestima evitam relações íntimas devido à dificuldade em confiar nos outros (Yilmaz & Taplak, 2021). Por estes motivos, pessoas com níveis de autoestima mais elevados demonstram igualmente uma maior capacidade de resolução não violenta e pacífica dos conflitos (Goodman et al., 2021; Murray

et al., 2006).

Autoestima e agressão têm vindo a ser relacionados há algum tempo. Alguns autores chegam a defender que os comportamentos externalizantes, como a agressão, são em parte motivados pela baixa autoestima (Papadakaki et al., 2009). A baixa autoestima parece estar, também, relacionada com a diminuição da conformidade com as normas sociais e, subsequentemente, com os comportamentos delinquentes (Rosenberg, 1965). A visão de Rogers (Rogers, 1961 como citado em Papadakaki et al., 2009), é concordante com isto, defendendo que a falta de autoestima se relaciona com problemas psicológicos, incluindo a agressão.

Contudo, a generalidade da investigação sobre a relação entre autoestima e agressão não têm gerado resultados consistentes, havendo evidências que indicam uma associação com a baixa e a elevada autoestima, ou ainda nenhuma associação significativa (Papadakaki et al., 2009). Ainda assim, a maioria dos estudos centram-se nos comportamentos delinquentes e no *bullying*, em crianças, jovens e presidiários. A VPI, por outro lado, tem recebido pouca atenção nesta área de pesquisa (Papadakaki et al., 2009).

O conceito de autoestima tem sido utilizado na literatura sobre VPI, evidenciando-se uma relação bidirecional entre estes fenómenos (Güler et al., 2022). Assim, a exposição à VPI é descrita como um antecedente de uma autoestima baixa, mas uma autoestima baixa pode também ser um fator de risco para a VPI, como vítima ou como agressor (Güler et al., 2022). Contudo, importa ressaltar que a importância e a definição da autoestima, neste contexto específico da VPI, não é, ainda, consistente (Güler et al., 2022), embora a baixa autoestima seja associada, frequentemente, a uma consequência, da exposição direta a este tipo de violência entre as vítimas destes processos (Güler et al., 2022; Soldevilla et al., 2014). Por exemplo, um estudo com mulheres vítimas de VPI, concluiu que 70% destas tinham uma autoestima baixa ou muito baixa (Dhouib et al., 2021). Exposições prolongadas à VPI física e psicológica podem causar danos permanentes na autoestima das vítimas (Soldevilla et al., 2014).

A autoestima pode igualmente constituir um fator de risco para a vitimação ou a perpetuação da VPI, emergindo como um preditor de estes dois modelos (Griffiths, 2019; Papadakaki et al., 2009; Yilmaz & Taplak, 2021). Tracy e Robins (2003) sustentam que uma baixa autoestima aumenta o risco de perpetração deste tipo de violência, uma vez que os agressores procuram proteger-se dos sentimentos de vergonha e inferioridade, tornando-se violentos com o seu parceiro/a. A autoestima demonstra, também, ter um papel moderador na relação entre a exposição à VPI e os consequentes problemas mentais das vítimas (Güler et al., 2022; Soldevilla et al., 2014).

Relativamente à relação entre a autoestima e as representações sociais sobre a VPI, é um tópico ainda pouco abordado na literatura científica. Contudo, Yilmaz e Taplak (2021) no seu estudo com estudantes universitários, observaram que a autoestima influencia a violência no namoro, assim como as representações sociais dos indivíduos sobre esta problemática. Lawal et al. (2019) no seu estudo com estudantes universitários, também constataram que a idade e a autoestima tinham efeitos significativos nas

atitudes dos estudantes relativamente à violência psicológica, física e social entre parceiros íntimos, sendo que quanto mais novos e mais baixa a autoestima dos sujeitos, maior a legitimação e o suporte da violência. Desta forma, os estudantes universitários que se encontravam numa relação de namoro e tinham baixa autoestima reportaram atitudes positivas em relação a este tipo de violência, legitimando assim mais a violência comparativamente aos restantes (Lawal et al., 2019).

#### **4. Narcisismo**

O narcisismo define-se como um traço de personalidade subclínico, caracterizado por um sentido de grandiosidade, superioridade e exibicionismo em relação a si próprio, assim como inveja e pouca empatia para com os outros (Kernberg, 1998; Rohmann et al., 2012). Kernberg (1998) defende que pessoas narcísicas possuem uma estrutura disfuncional e estratégias patológicas de regulação da autoestima. O narcisismo é também geralmente visto como um traço de personalidade que varia num contínuo entre o normal e o patológico (Pincus & Lukowitsky, 2010). Deste modo, o narcisismo normal manifesta-se no uso de estratégias para promover uma autoimagem positiva, o que acontece em sujeitos bem ajustados psicologicamente, permitindo autoaperfeiçoamento adaptativo e motivação para alcançar o sucesso (Pincus & Lukowitsky, 2010). Por outro lado, o narcisismo patológico diz respeito a processos de autorregulação mal adaptativos que provocam stresse e um disfuncionamento nos indivíduos (Kernberg, 1998; Pincus & Lukowitsky, 2010). Vários autores identificam a vulnerabilidade e a grandiosidade como as duas dimensões integrantes do narcisismo patológico (Pincus & Lukowitsky, 2010; Rohmann et al., 2012). A dimensão do narcisismo vulnerável ou hipersensível é caracterizada por baixa e frágil autoestima e sentimentos de grandiosidade inconscientes que refletem a falta de confiança em iniciar e manter relações sociais, ansiedade, inseguranças e timidez (Rohmann et al., 2012). Relativamente ao narcisismo grandioso, reflete-se na perturbação narcísica da personalidade descrita no DSM-5. Esta perturbação caracteriza-se por um padrão de grandiosidade, arrogância e superioridade, quer enquanto fantasia quer a nível comportamental, necessidade de admiração extrema, falta de empatia e crenças de que se é especial, negando qualquer stresse emocional ou interpessoal (Ackerman et al., 2011; American Psychiatric Association [APA], 2022). Importa ressaltar que optámos por nos focar no narcisismo grandioso, uma vez que este se relaciona mais com a autoestima e com a VPI.

O narcisismo tem vindo a ser associado a alta, mas instável autoestima. A vulnerabilidade na autoestima, característico em pessoas com narcisismo, promove sensibilidade à crítica e defesa (APA, 2022). Vários autores destacam que estes dois construtos se encontram positivamente relacionados e que indivíduos que apresentam níveis mais elevados de narcisismo grandioso, apresentam também níveis mais elevados de autoestima (Ackerman et al., 2011; Fields, 2012; Gentile et al., 2013; Hyatt et al., 2018; Rohmann et al., 2012). Contudo, não existe consenso total no que diz respeito à relação entre estes dois construtos. Braga et al. (2018) concluíram no seu

estudo que não havia relação entre o narcisismo e a autoestima, comprovando a conceitualização distinta e o efeito independente entre ambos.

Inúmeras investigações demonstram que níveis elevados de narcisismo estão também positivamente relacionados com comportamentos agressivos e violentos (Amad et al., 2021; Pechorro et al., 2016; Plouffe et al., 2022). Amad et al. (2021), no seu estudo com estudantes universitários, referiram que níveis elevados de narcisismo estavam associados à agressão proativa, isto é, agressão realizada deliberadamente com o intuito de obter ganho pessoal e não relacionados com agressão reativa, isto é, não planeada ou intencional. Mais recentemente, este construto também evidenciou estar associado à violência no seio das relações íntimas, especialmente à perpetuação deste tipo de violência em homens com traços narcísicos de grandiosidade (Fields, 2012; Green et al., 2020; Plouffe et al., 2022; Stevens, 2013). Os traços narcísicos podem despoletar comportamentos violentos, uma vez que influenciam a forma como os sujeitos percebem e respondem ao seu parceiro íntimo (Caiozzo et al., 2016). Fields (2012) evidenciou que pessoas com níveis mais elevados de narcisismo têm maior tendência a exercer violência para com o seu parceiro, ocorrendo com maior frequência.

No que concerne à relação entre o narcisismo e as representações sociais da VPI, Da Silva (2007) constatou no seu estudo com jovens adolescentes que o narcisismo é também um preditor das atitudes relativamente à violência no seio de relações amorosas. Estes resultados indicam que jovens que apresentam níveis mais elevados de narcisismo aprovam e legitimam comportamentos agressivos no contexto de relações de namoro, aceitando este tipo de violência (Da Silva, 2007). Este autor verificou igualmente que quanto mais elevados os níveis de narcisismo, ou de traços narcísicos, maior a preponderância para usar a agressão como uma estratégia de resolução de problemas (Da Silva, 2007). Contudo, do nosso conhecimento existe ainda uma lacuna na investigação, sendo crucial realizar mais estudos com o foco na relação entre estas duas variáveis. Deste modo, o presente estudo pretende compreender a importância do narcisismo nas representações sociais da VPI em estudantes universitários portugueses.

## **II - Objetivos e hipóteses de investigação**

O objetivo primordial deste estudo é identificar as representações sociais que os estudantes universitários portugueses elaboram relativamente à VPI e avaliar o grau de legitimação ou banalização do fenómeno.

Os objetivos específicos do presente estudo incluem:

- Perceber se existem diferenças nas representações sociais da VPI nos estudantes universitários considerando as variáveis género, idade, áreas de estudo, escolaridade e “estar atualmente numa relação amorosa”;
- Analisar as relações entre as variáveis em estudo, nomeadamente: representações sociais da VPI, autoestima, narcisismo, testemunho de violência na infância, vítima de violência na infância, violência no relacionamento e experiência de qualquer tipo de violência;
- Analisar as variáveis relacionadas com a violência (violência no



relacionamento, vítima de violência na infância e testemunho de violência na infância) e perceber se existem diferenças nas representações sociais da VPI, na autoestima e no narcisismo dos participantes em função de já terem vivenciado essas situações de violência;

- Perceber os efeitos preditivos das seguintes variáveis nas representações sociais da VPI: gênero, escolaridade, áreas de estudo e “estar atualmente numa relação amorosa”;

- Perceber os efeitos preditivos das seguintes variáveis na autoestima dos participantes: testemunho de violência na infância, vítima de violência na infância, narcisismo, gênero e “estar atualmente numa relação amorosa”.

Da análise da investigação sobre o tema, surgem as seguintes hipóteses:

H1: Os homens legitimam mais a VPI em comparação com as mulheres (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Machado, Macieira et al., 2010; Mena, 2016; Paiva, 2010; Vieira, 2013; Yilmaz & Taplak, 2021);

H2: Os sujeitos do curso de Psicologia apresentam menor legitimação da violência comparativamente a outros cursos, principalmente os de engenharias (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Mena, 2016), depois de controlada a variável gênero;

H3: Os sujeitos que se encontram no início do curso legitimam mais a VPI, relativamente aos que se encontram a finalizar o curso (Machado et al., 2003; Paiva, 2010);

H4: Os sujeitos que não se encontram atualmente numa relação amorosa e os que nunca tiveram uma relação amorosa apresentam maior legitimação da VPI do que aqueles que se encontram atualmente numa relação amorosa (Machado, Caridade et al., 2010).

H5: A autoestima influencia as representações sociais da VPI, no sentido de maior legitimação em sujeitos com autoestima mais baixa (Lawal et al., 2019);

H6: O narcisismo influencia as representações sociais da VPI. Níveis mais elevados de narcisismo levam a maior legitimação da VPI (Da Silva, 2007);

H7: A experiência de ter vivenciado e/ou ter testemunhado violência de forma direta ou indireta na infância e/ou adolescência por parte de familiares próximos, influencia as representações sociais atuais no sentido de uma maior legitimação da VPI (Ferreira, 2018; Oliveira, 2021; Souza, 2015; Yilmaz & Taplak, 2021).

H8: A autoestima relaciona-se com o Narcisismo (Ackerman et al., 2011; Fields, 2012; Gentile et al., 2013; Hyatt et al., 2018; Rohmann et al., 2012) e com a experiência de ter vivenciado e ter testemunhado violência de forma direta ou indireta na infância e/ou adolescência por parte de familiares próximos (Goodman et al., 2021; Papadakaki et al., 2009).

### **III – Metodologia**

#### **3.1. Descrição da amostra**

A recolha dos dados foi realizada entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023, utilizando um protocolo de investigação administrado num formato

online através da plataforma *Google Forms*. Este foi distribuído à população essencialmente através das redes sociais Instagram e Facebook. A amostra foi recolhida através de um processo de amostragem não-probabilística por conveniência e é constituída por 251 estudantes universitários de nacionalidade portuguesa, sendo 28.3% do género masculino e 71.7% do género feminino. A média de escolaridade é de 15.01 anos, variando dos 13 aos 18 (correspondentes do 1º ao 6º ano do ensino superior). Os participantes encontravam-se distribuídos por 39 cursos, tendo sido agrupados em 4 áreas de estudo e a maioria (52.2%) encontra-se atualmente numa relação amorosa.

**Tabela 2. Características Sociodemográficas dos Participantes (N=251)**

Caraterísticas	Amostra				n	%
	Min	Máx	M	DP		
Idade	18	56	22.08	5.02		
Escolaridade	13	18	15.01	1.55		
Género						
Feminino					180	71.7
Masculino					71	28.3
Áreas de Estudo						
Psicologia					60	23.9
Ciências Sociais e Humanas					54	21.5
Engenharia, Matemática e Ciências Empresariais					65	25.9
Outras <sup>a</sup>					72	28.7
Estabelecimento de Ensino Superior						
Universidade da Madeira					58	23.1
Universidade do Porto					33	13.1
Universidade de Coimbra					31	12.4
Universidade de Évora					30	12.0
Outras universidades					55	21.9
Politécnicos					44	17.5
Situação amorosa						
Atualmente numa relação amorosa					131	52.2
Não está atualmente numa relação amorosa, mas já esteve anteriormente					80	31.9
Nunca esteve numa relação amorosa					40	15.9
Tipo de relação atual ou passada						
Namoro					203	80.9
Casamento					4	1.6
União de facto					4	1.6

<sup>a</sup> Inclui as seguintes áreas de estudo: Formadores e Ciências da Educação, Artes, Ciências da Vida, Saúde, Serviços Pessoais e áreas desconhecidas ou não especificadas.

### 3.2. Instrumentos

O protocolo de investigação é constituído por um Questionário sociodemográfico e quatro instrumentos de autorresposta, aplicados pela ordem com que são aqui descritos. Dois dos instrumentos visam avaliar as representações sociais da VPI (Questionário de Violência Conjugal – Histórias, QRVC-HIS e a Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal, ECVC); o terceiro instrumento tem como objetivo avaliar a autoestima (Escala de Autoestima de Rosenberg, EAR) e o quarto avalia o narcisismo (Inventário de Personalidade Narcísica de 13 itens, NPI-13).

#### 3.2.1. Questionário sociodemográfico

Este questionário inclui, num primeiro momento, questões referentes ao género, idade, nacionalidade, estabelecimento de ensino superior que frequenta, curso e ano escolar, local de residência em tempo de aulas e permanente, com quem vive em tempo de aulas, se se encontra atualmente numa relação amorosa e o tipo e duração da relação atual ou passada.

Num segundo momento, o questionário inclui questões sobre o histórico de violência, não só no que diz respeito à vivência direta de violência no relacionamento atual ou passado dos participantes, como também a nível familiar e na infância e/ou adolescência, nomeadamente ter testemunhado algum tipo de violência entre pais/ cuidadores, outros membros da família próxima ou ter sido vítima por parte desses mesmos familiares.

#### 3.2.2. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

O Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS; Alarcão et al., 2007) é um questionário de autorresposta que avalia as representações sociais da violência entre íntimos e o grau de legitimação ou banalização da violência conjugal (Aguilar, 2010; Lameira, 2013; Paiva, 2010). Este questionário é constituído por três histórias diferentes de violência conjugal (Anexo A), sendo que cada história é seguida de dez afirmações, perfazendo um total de 30 itens, em que é pedido aos sujeitos para indicar o grau de concordância com cada uma delas, através de uma escala tipo *Likert* de 4 pontos (de 1=*Discordo Completamente* a 4=*Concordo Completamente*). A pontuação total do instrumento é obtida através da soma da pontuação dos 30 itens, sendo que pontuações mais elevadas refletem maior legitimação da violência (Aguilar, 2010; Lameira, 2013; Paiva, 2010).

A construção das três histórias teve por base pressupostos teóricos, sobre as diferentes leituras relativas à violência no casal, suas consequências e causas. Foram então refletidos cinco fatores teóricos, nomeadamente: a legitimação e/ou banalização da violência conjugal; a legitimação/justificação da violência pela conduta da vítima; a legitimação/justificação da violência por fatores externos (stresse, consumo, álcool...), a desvalorização/aceitação da violência em favor da privacidade/coesão familiar; e a (im)possibilidade de atribuição da violência ao agressor em função do seu estatuto social, económico e escolaridade (Aguilar, 2010; Lameira, 2013; Paiva, 2010). Aguilar (2010) constatou no seu estudo, relativamente ao primeiro fator

teórico, que não era claro a dimensão que os itens representavam. Deste modo, optou-se por apresentar os resultados do questionário para os 30 itens totais e para os itens de cada história em separado, desconsiderando os diferentes fatores teóricos.

Vários estudos têm vindo a avaliar as qualidades psicométricas do instrumento, demonstrando uma elevada consistência interna. Assim, Paiva (2010) obteve um alfa de .91 e Aguilar (2010) um coeficiente de, aproximadamente, .95. Os valores de consistência interna de cada uma das três histórias em separado demonstram-se igualmente elevados, variando entre  $\alpha = .72$  e  $\alpha = .91$ , sendo que todos os itens possuem correlações elevadas com o total do questionário (Aguilar, 2010; Figueiredo, 2010; Paiva, 2010).

No presente estudo foi obtido um coeficiente alfa de *Cronbach* de .90 para o total do questionário, revelando elevada consistência interna, tendo os valores para cada uma das três histórias variado entre .70 e .80 (Anexo B).

### 3.2.3. Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC)

A Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC) foi originalmente desenvolvida no ano 2000 por Machado, Matos e Gonçalves com o objetivo de avaliar as crenças sobre a violência no contexto conjugal. A ECVC visa assim medir o grau de legitimação/ aceitação face a esta violência (Machado et al., 2004).

A versão final, utilizada nesta investigação, é constituída por 25 itens cotados através de uma escala tipo Likert, variando de 1=*Discordo Totalmente* a 5=*Concordo Totalmente* (Machado et al., 2004). A pontuação total da escala varia entre 25 e 125, sendo obtida através do somatório direto das respostas a cada item. Valores mais elevados indicam uma maior legitimação e aceitação da violência. É igualmente possível calcular o valor de cada fator da escala, através da soma da pontuação dos seus itens, de modo a avaliar se estes contribuem para a legitimação da violência conjugal (Machado et al., 2004).

Machado et al. (2004) identificaram 4 fatores que, no seu conjunto, explicavam 48.1% da variância das respostas. O primeiro fator foi designado de legitimação da violência pela conduta da mulher, o segundo fator de legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar, o terceiro fator de legitimação da violência pela atribuição a causas externas e o quarto de legitimação e banalização da pequena violência (Machado et al., 2004).

No que concerne às qualidades psicométricas desta escala, os estudos realizados têm demonstrado uma elevada consistência interna. Machado et al. (2004) obtiveram um alfa de Cronbach de .90 e Aguilar (2010) também obteve um alfa elevado de .94. Relativamente à amostra em estudo, o valor do alfa de Cronbach foi de .88 para o total do instrumento (Anexo B).

### 3.2.4. Escala de Autoestima de Rosenberg - Versão portuguesa de Santos e Maia (2003)

A *Rosenberg Self-esteem Scale* (RSES) foi originalmente desenvolvida por Morris Rosenberg (1965) e pretende avaliar a autoestima, sendo uma das escalas mais antigas e mais utilizadas a nível internacional (Pechorro et al., 2011; Romano et al., 2007; Santos, 2008; Santos & Maia, 2003). É constituída

por 10 itens, sendo 5 deles de orientação positiva e 5 de orientação negativa (Romano et al., 2007; Santos & Maia, 2003). Frequentemente é utilizada uma escala do tipo Likert com 4 opções de resposta, que vão de 1=*Discordo Fortemente* a 4=*Concordo Fortemente* (Santos & Maia, 2003). A pontuação total é obtida através do somatório das respostas de cada item após a inversão da cotação dos itens de orientação negativa. A pontuação total varia assim entre 10 e 40 pontos, sendo que resultados mais elevados demonstram níveis mais elevados de autoestima (Pechorro et al., 2011; Romano et al., 2007; Santos, 2008; Santos & Maia, 2003).

Estudos com esta escala evidenciam características psicométricas da RSES positivas, principalmente bons níveis de consistência interna e de estabilidade temporal, em adolescentes e estudantes universitários, em contextos escolar e forense (Pechorro et al., 2011; Romano et al., 2007; Santos, 2008; Santos & Maia, 2003). Santos e Maia (2003) no seu estudo traduziram e adaptaram esta escala para a língua portuguesa, tendo sido obtidos valores de alfa que variam entre .86 e .92. Numa amostra de estudantes universitários verificou-se igualmente uma boa consistência interna (valor de  $\alpha$  entre .77 e .88), justificando-se a utilização desta escala com esta população (Santos, 2008). Para a amostra do presente estudo o valor do alfa ( $\alpha = .90$ ) demonstrou uma excelente consistência interna do instrumento (Anexo B).

### **3.2.5. Inventário de Personalidade Narcísica-13 (NPI-13) - Versão portuguesa de Pechorro et al. (2016)**

O Inventário de Personalidade Narcísica define-se como o instrumento mais utilizado para avaliar o narcisismo grandioso em níveis subclínicos (Gentile et al., 2013; Raskin & Terry, 1988). A versão de 13 itens deste instrumento (NPI-13) é uma versão mais reduzida do NPI original que foi desenvolvida de modo a colmatar as limitações das versões anteriores (Gentile et al., 2013). Este instrumento de autorresposta visa avaliar o narcisismo grandioso num contínuo, sendo que pontuações extremas revelam narcisismo patológico e pontuações menos extremas representam o narcisismo como uma característica de personalidade (Gentile et al., 2013; Pechorro et al., 2019). Cada item é constituído por um par de afirmações, sendo uma delas narcísica e outra não. A pontuação total pode variar entre 0 e 13 pontos, uma vez que a cada afirmação narcísica escolhida é atribuído 1 ponto e 0 pontos são atribuídos se for selecionada a afirmação não narcísica (Gentile et al., 2013).

A versão original do NPI-13 manteve os três fatores estruturais cruciais obtidos por Ackerman et al. (2011), nomeadamente: Liderança/Autoridade (L/A), que engloba 4 itens do questionário com  $\alpha = .66$ ; Grandiosidade/Exibicionismo (G/E) com 5 itens e  $\alpha = .65$  e Empossamento/Exploratividade (E/E), em que são incluídos os outros 4 itens, com  $\alpha = .51$  (Gentile et al., 2013). Pechorro et al. (2016) traduziram para a língua portuguesa e validaram o NPI-13, tendo obtido boas propriedades psicométricas e uma boa consistência interna, apresentando valores do alfa de Cronbach acima de .70. Pechorro et al. (2019) também obtiveram valores que revelam uma boa consistência interna ( $\alpha = .83$ ).

No que concerne à amostra em estudo, o valor do alfa de Cronbach

obtido para o total dos 13 itens do NPI foi de .65. Para o fator Liderança/Autoridade (L/A) encontrou-se um  $\alpha = .74$ , para o fator Grandiosidade/Exibicionismo (G/E) este valor foi de .64 e por fim obteve-se um valor do alfa de .30 para o fator Empossamento/Exploratividade (E/E). Uma vez que o valor encontrado neste último fator E/E é considerado inaceitável, foram utilizados apenas os fatores Liderança/Autoridade (L/A), Grandiosidade/Exibicionismo (G/E) e o valor total do instrumento. Foram realizados cálculos de várias maneiras, incluindo o total da escala e/ou dos dois fatores, sendo que como não se encontraram diferenças que justificassem a utilização dos fatores, optou-se, no presente estudo, por apresentar apenas o total do instrumento (Anexo B).

### 3.3. Procedimentos de Investigação

O protocolo incluía no início um texto de apresentação da investigação, com o principal objetivo e tipos de participantes. Informava-se, igualmente, a possibilidade de os sujeitos poderem desistirem a qualquer momento e o tempo de duração médio das respostas aos questionários, sensivelmente de 15 a 20 minutos. O texto conferia particular destaque à questão do anonimato e confidencialidade das respostas. Podiam participar os sujeitos que aceitando colaborar na investigação, tivessem 18 anos ou mais, nacionalidade portuguesa e frequentassem o ensino superior.

Previamente à publicação online do protocolo, foi realizado um pré-teste com seis sujeitos, para perceber como as questões eram geridas, as dificuldades sentidas e receber sugestões de alterações, de modo a obter um protocolo perceptível e a induzir ao mínimo de erros possível nas respostas.

### 3.4. Procedimentos Estatísticos

Após a recolha dos dados, e tendo em consideração os objetivos do presente estudo, procedemos às análises estatísticas recorrendo ao programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 27.0 para Windows.

Num primeiro momento, procedeu-se à análise descritiva da amostra e das respostas aos instrumentos. Relativamente aos testes estatísticos, optou-se pela utilização de testes paramétricos, uma vez que a amostra é constituída por 251 participantes e, segundo a teoria do Limite Central, uma amostra é considerada grande quando superior a 30 sujeitos, sendo neste caso suficiente para assumir a normalidade da distribuição e a utilização de testes paramétricos, não enviesando a inferência estatística (Maroco, 2007). Para a comparação das respostas relativas à legitimação da violência, em função das variáveis sociodemográficas e em relação às variáveis relacionadas com a violência, foram utilizados o teste *t de student*, complementado pelo *d de Cohen*, ANOVA *one way* para análise da variância, o teste de *Bonferroni*, análise de covariância (ANCOVA) *one way* e o teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis*. Utilizou-se ainda o coeficiente de correlação de *Pearson* de modo a analisar as correlações entre as variáveis em estudo, nomeadamente representações sociais da VPI, autoestima, narcisismo, testemunho ou vítima de violência na infância, violência no relacionamento e experiência de qualquer tipo de violência. Foi ainda aplicado um modelo de regressão linear

múltipla para avaliar os possíveis preditores das representações sociais da VPI, através do método “Enter” e um modelo de regressão múltipla, do tipo hierárquico em blocos, para as variáveis preditoras da autoestima. Foram analisados e confirmados os pressupostos para a aplicação das regressões, nomeadamente a variável dependente (VD) ser quantitativa e contínua, sendo que quando não se verificou foram transformadas em variáveis *Dummy*, os preditores estarem correlacionados com a VD, a independência, a normalidade dos resíduos e a homogeneidade das variâncias. Sublinha-se que foi definido como nível de significância  $p < .05$ .

#### IV - Resultados

Os resultados serão apresentados de acordo com os objetivos, sendo expostos primeiramente os dados descritivos, seguidos dos inferenciais.

##### 4.1. Estatísticas descritivas (histórico de violência na infância e no relacionamento; descrição dos instrumentos)

É possível observar nas tabelas 3 e 4 as estatísticas descritivas relativas ao histórico de violência testemunhada ou vivenciada pelos sujeitos, quer na infância, quer nos relacionamentos amorosos adultos, obtidas através das respostas ao questionário sociodemográfico. A tabela 4 reporta ainda as estatísticas descritivas para cada tipo de violência (física, psicológica, sexual, financeira e social). Os valores relativos às respostas aos instrumentos encontram-se descritos na tabela 5.

**Tabela 3. Descrição do Histórico de Violência (N=251)**

Violência no Relacionamento	<i>n</i>	1	2	3	4
		<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
Nunca	183	44	4	41	94
Vítima	62	12	9	23	18
Agressor	6	2	0	4	0

*Nota.* 1 = Apenas testemunhou violência na infância; 2 = Apenas foi vítima de violência na infância; 3 = Testemunhou e foi vítima de violência na infância; 4 = Nem testemunhou nem foi vítima de violência na infância

**Tabela 4. Estatísticas Descritivas do Histórico de Violência Testemunhada e Vivenciada e os vários tipos de violência (N=251)**

	Não		Física		Psicológica		Sexual		Financeira		Social	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
1	183	72.9	18	7.2	59	23.5	24	9.6	10	4	38	15.2
2	125	49.8	62	24.7	108	43	3	1.2	56	22.3	44	17.6
3	170	67.7	47	18.7	67	26.7	1	0.4	13	5.2	21	8.4

*Nota.* 1 = Violência no relacionamento; 2 = Testemunho de violência na infância; 3 = Vítima de violência na infância

De acordo com a tabela 3, a maioria dos participantes afirmou nunca ter estado envolvido diretamente, e de uma forma pessoal, num qualquer tipo de violência no seu relacionamento atual ou passado. No entanto, 62 responderam que sim, como vítimas e seis como agressores. Verificou-se

ainda que dos participantes que nunca estiveram envolvidos em violência no relacionamento, a maioria nunca testemunhou nem foi vítima de qualquer tipo de violência na infância. A maioria das vítimas de violência no seu relacionamento atual e/ou passado, testemunhou e foi vítima de violência na infância. Relativamente aos agressores, a maioria também indicou ter testemunhado e ter sido vítima de violência na infância (tabela 3).

Na tabela 4 é visível que o tipo de violência no relacionamento predominante entre os participantes, enquanto vítima ou agressor, foi a violência psicológica, indicada por 23.5% dos participantes, seguindo-se a violência social (15.2%) e a violência sexual (9.6%).

No que concerne às variáveis relacionadas com o histórico de violência na infância, tal como indicado na tabela 4, verificamos que 125 sujeitos (49.8%) afirmaram não ter testemunhado na infância e/ou adolescência qualquer tipo de violência entre os seus pais/cuidadores ou entre outros membros da família próxima. O tipo de violência mais testemunhado entre os estudantes da amostra foi a psicológica (43%), seguida da violência física (24.7%) e da violência financeira (22.3%). Quanto a ter sido vítima durante a infância e/ou adolescência de, pelo menos, um tipo de violência por parte dos seus pais/cuidadores ou algum membro da família próxima, a maioria respondeu que não (67.7%). De entre os participantes que foram vítimas, a violência psicológica demonstra ser a mais prevalente (26.7%), seguida da física (18.7%) e da social (8.4%).

**Tabela 5.** Estatísticas Descritivas relativas às Respostas aos Instrumentos (N=251)

Instrumentos	Min	Máx	M	DP
História 1	10	30	11.98	2.70
História 2	10	31	13.22	3.49
História 3	10	25	11.55	2.46
Total QRVC-HIS	30	85	36.75	7.67
Total ECVC	25	85	31.12	7.37
Total EAR	12	36	26.68	5.71
Total NPI-13	0	11	3.28	2.37

*Nota.* QRVC-HIS = Questionário de Violência Conjugal – Histórias; ECVC = Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; EAR = Escala de Autoestima de Rosenberg; NPI-13 = Inventário de Personalidade Narcísica – 13

#### 4.2. Representações sociais sobre a VPI

As representações sociais sobre a VPI dos participantes neste estudo foram avaliadas através do QRVC-HIS e da ECVC. Relativamente ao QRVC-HIS, podemos observar na tabela 5 que das 3 histórias, a História 2, é a que apresenta uma média de respostas mais elevada ( $M = 13.22$ ,  $DP = 3.49$ ), seguindo-se a História 1 e por fim a História 3. Em relação ao total desta escala, a média de respostas dos participantes foi baixa, situando-se nos 36.75 ( $DP = 7.67$ ), sendo que as pontuações da escala podem variar entre os 30 e os 120 valores. A média das respostas à ECVC também se evidenciou baixa, uma vez que para uma pontuação que pode variar entre 25 e 125, a média nesta amostra foi de 31.12 ( $DP = 7.37$ ).



Relativamente às variáveis sociodemográficas, num primeiro momento, estudámos o género, área de estudo e “estar atualmente numa relação amorosa”, de modo a perceber se existem diferenças entre os participantes nas representações sociais da VPI. Posteriormente foram analisadas, através do coeficiente de Pearson, as relações entre as representações sociais da VPI e as variáveis sociodemográficas.

**Tabela 6.** *Teste t de Student para as Representações Sociais da VPI em Função do Género (N=251)*

	Masculino		Feminino		t (249)	Cohen's d
	M	DP	M	DP		
História 1	13.38	4.06	11.43	1.63	<b>5.44***</b>	0.76
História 2	14.79	4.18	12.60	2.96	<b>4.66***</b>	0.65
História 3	12.80	3.53	11.05	1.64	<b>5.36***</b>	0.75
Total QRVC-HIS	40.97	10.75	35.08	5.20	<b>5.84***</b>	0.82
Total ECVC	34.76	10.99	29.68	4.61	<b>5.16***</b>	0.72

*Nota.* QRVC-HIS = Questionário de Violência Conjugal – Histórias; ECVC = Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

De acordo com a tabela 6, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos do género masculino e os do género feminino relativamente à História 1, à História 2, à História 3, ao total do QRVC-HIS e ao total da ECVC. Em todos os casos, os homens apresentaram médias mais elevadas do que as mulheres.

Uma vez que relativamente às áreas de estudo dos participantes observamos que os estudantes de psicologia são, na sua maioria, do género feminino e os estudantes de engenharia são, maioritariamente, do género masculino, realizámos uma análise da covariância (ANCOVA), de modo a controlar o efeito da variável género nas diferenças entre estes grupos e evitar enviesamento. Deste modo, é visível na tabela 7 que, após controlar o efeito da variável género, não houve diferenças estatisticamente significativas nas representações sociais da VPI dos participantes, em função da área de estudo.

**Tabela 7.** *ANCOVA one way para as Representações Sociais da VPI em Função das Áreas de Estudo (N=251)*

	Psicologia		CSH		EMCE		Outras		F(3, 246)	$\eta^2$
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
1	11.85	0.34	11.81	0.35	12.40	0.32	11.84	0.30	0.76	.01
2	12.96	0.44	13.03	0.46	13.84	0.42	13.02	0.40	0.97	.01
3	11.29	0.31	11.76	0.32	11.52	0.29	11.62	0.28	0.41	.01
4	36.09	0.95	36.60	0.98	37.76	0.90	36.49	0.85	0.60	.01
5	29.69	0.92	30.87	0.95	31.94	0.88	31.76	0.83	1.31	.02

*Nota.* 1 = História 1; 2 = História 2; 3 = História 3; 4 = Total QRVC-HIS: Questionário de Violência Conjugal – Histórias; 5 = Total ECVC: Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; CSH = Ciências Sociais e Humanas; EMCE = Engenharias, Matemática e Ciências Empresariais

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

**Tabela 8.** ANOVA one way para as Representações Sociais da VPI em Função da Variável Estar Atualmente numa Relação Amorosa (N=251)

	Estão atualmente numa relação		Não estão atualmente, mas já estiveram		Nunca estiveram numa relação		F(2, 248)	$\eta^2$
	M	DP	M	DP	M	DP		
	1	11.91	2.54	11.78	2.68	12.63		
2	12.93	3.32	12.99	3.65	14.63	3.42	<b>3.97*</b>	.03
3	11.40	2.04	11.38	2.35	12.38	3.59	2.75	.02
4	36.24	6.93	36.14	7.92	39.63	8.92	<b>3.43*</b>	.03
5	30.70	6.19	30.14	6.23	34.45	11.31	<b>5.17**</b>	.04

Nota. 1 = História 1; 2 = História 2; 3 = História 3; 4 = Total QRVC-HIS: Questionário de Violência Conjugal – Histórias; 5 = Total ECVC: Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal  
\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

Verificou-se, ainda, que existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que se encontram atualmente numa relação amorosa e os que nunca estiveram numa relação amorosa. Estas diferenças, descritas na tabela 8, foram estatisticamente significativas nas respostas à História 2,  $F(2, 248) = 3.97$ ,  $p = .020$ , no total do questionário QRVC-HIS,  $F(2, 248) = 3.43$ ,  $p = .034$  e no total da ECVC,  $F(2, 248) = 5.17$ ,  $p = .006$ . Os participantes que nunca estiveram numa relação amorosa, apresentam resultados mais elevados do que os que estão atualmente numa relação. Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes que nunca estiveram numa relação amorosa e os que não estão atualmente numa relação, mas já estiveram anteriormente, nas respostas à História 2,  $F(2, 248) = 3.97$ ,  $p = .020$  e no total da ECVC,  $F(2, 248) = 5.17$ ,  $p = .006$ . Os participantes que nunca estiveram numa relação amorosa apresentam resultados mais elevados do que o outro grupo em ambos os casos.

**Tabela 9.** Correlações de Pearson entre as Representações Sociais da VPI e as Variáveis Género, Idade e Escolaridade (N=251)

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	—							
2	<b>.67***</b>	—						
3	<b>.69***</b>	<b>.67***</b>	—					
4	<b>.88***</b>	<b>.91***</b>	<b>.87***</b>	—				
5	<b>.70***</b>	<b>.61***</b>	<b>.79***</b>	<b>.78***</b>	—			
6	<b>-.33***</b>	<b>-.28***</b>	<b>-.32***</b>	<b>-.35***</b>	<b>-.31***</b>	—		
7	-.05	-.11	-.03	-.07	-.12	-.10	—	
8	-.11	-.11	<b>-.15*</b>	<b>-.14*</b>	-.11	<b>-.15*</b>	<b>.25***</b>	—

Nota. 1 = História 1; 2 = História 2; 3 = História 3; 4 = Total QRVC-HIS: Questionário de Violência Conjugal – Histórias; 5 = Total ECVC: Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; 6 = Género; 7 = Idade; 8 = Escolaridade  
\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

Não se verificaram correlações significativas entre as representações sociais da VPI e a idade dos sujeitos, o que parece evidenciar a inexistência de relação entre estas variáveis na amostra do presente estudo (tabela 9).

Relativamente à variável escolaridade, de acordo com a tabela 9, foram observadas duas correlações negativas significativas, uma entre a escolaridade

e a História 3,  $r = -.15$ ,  $p = .016$ , o que sugere que quantos mais anos de escolaridade os participantes têm, menor tende a ser a pontuação na História 3. A outra correlação significativa negativa encontrada foi entre a escolaridade e o total do QRVC-HIS,  $r = -.14$ ,  $p = .029$ , o que parece também indicar que quantos mais anos de escolaridade os indivíduos têm, menor tende a ser a pontuação total do QRVC-HIS.

#### 4.3. Relações entre as variáveis representações sociais da VPI, autoestima, narcisismo, testemunho de violência na infância, vítima de violência na infância, violência no relacionamento e experiência de qualquer violência

**Tabela 10.** Correlações de Pearson entre as Variáveis em Estudo (N=251)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	—										
2	<b>.67***</b>	—									
3	<b>.69***</b>	<b>.67***</b>	—								
4	<b>.88***</b>	<b>.91***</b>	<b>.87***</b>	—							
5	<b>.70***</b>	<b>.61***</b>	<b>.79***</b>	<b>.78***</b>	—						
6	-.01	-.02	-.07	-.04	-.03	—					
7	.09	.12	.05	.10	.08	<b>.25***</b>	—				
8	.05	.01	-.03	.01	-.02	<b>-.16*</b>	.10	—			
9	.03	-.01	.02	.01	.03	<b>-.24***</b>	.05	<b>.47***</b>	—		
10	.05	-.01	.00	.01	.01	.02	<b>-.15*</b>	-.12	<b>-.27***</b>	—	
11	.01	.00	-.04	-.01	-.05	<b>-.21**</b>	.12	<b>.78***</b>	<b>.53***</b>	<b>-.47***</b>	—

Nota. 1 = História 1; 2 = História 2; 3 = História 3; 4 = Total QRVC-HIS: Questionário de Violência Conjugal – Histórias; 5 = Total ECVC: Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; 6 = Total EAR: Escala de Autoestima de Rosenberg; 7 = Total NPI-13: Inventário de Personalidade Narcísica - 13; 8 = Testemunho violência na infância; 9 = Vítima de violência na infância; 10 = Violência no relacionamento; 11 = Experiência de qualquer violência: esta variável inclui nunca ter, ou já ter experienciado/ ter estado envolvido em, pelo menos um tipo de violência, incluindo testemunho de violência na infância, e/ou ter sido vítima de violência na infância e/ou ter estado envolvido em situações de violência no relacionamento.

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

É visível na tabela 10 que todos os instrumentos que avaliam as representações sociais da VPI (História 1, História 2, História 3, Total QRVC-HIS e ECVC) apresentam correlações significativas e positivas entre si, variando  $r$  entre .61 e .91, com  $p$  em todos os casos  $< .001$ . Relativamente às representações sociais da VPI, não se verificaram correlações significativas com nenhuma das restantes variáveis em estudo.

A variável autoestima e o narcisismo apresentam uma correlação positiva significativa, ainda que fraca, com  $r = .25$  e  $p < .001$ . Isto indica que há uma relação entre a autoestima e o narcisismo, verificando-se que pessoas com maior autoestima tendem a ter pontuações mais elevadas no NPI-13.

No que diz respeito à autoestima e às variáveis relacionadas com a violência, é possível verificar na tabela 10, que a autoestima apresenta uma correlação negativa significativa com o “testemunho de violência na infância”,  $r = -.16$ ,  $p = .010$ , o que sugere que as pessoas que testemunharam

violência na infância tendem a ter níveis mais baixos de autoestima. Verificou-se ainda outra correlação negativa, apesar de fraca, entre a autoestima e “vítima de violência na infância”,  $r = -.24, p < .001$ , que sugere também que ter sido vítima de violência na infância pode estar associado a níveis mais baixos de autoestima. A autoestima também apresenta uma correlação negativa significativa com “experiência de qualquer violência”,  $r = -.21, p = .001$ .

Quando analisadas as relações entre o narcisismo e as variáveis relacionadas com a violência, foi encontrada apenas uma correlação negativa fraca, mas significativa entre o narcisismo e a variável “violência no relacionamento”,  $r = -.15, p = .016$  (tabela 10). Este resultado sugere que existe uma relação significativa entre as duas variáveis, embora fraca. Sugere, ainda, que à medida que as pontuações do NPI-13 sobem, isto é, aumentam os níveis de narcisismo, a tendência de estar envolvido em situações de violência no relacionamento diminui.

Relativamente às variáveis relacionadas com a violência, apurou-se que a variável “testemunho de violência na infância” e “vítima de violência na infância” apresentam uma correlação significativa entre si,  $r = .47, p < .001$ . A variável “violência no relacionamento” está também correlacionada de forma negativa com a variável “vítima de violência na infância”,  $r = -.27, p < .001$ , o que sugere que as pessoas que foram vítimas de violência na infância tendem a se envolver menos em violência no relacionamento quando adultas.

Foram também realizadas análises apenas das variáveis relacionadas com a violência. Para a variável “violência no relacionamento” e para verificar se existem diferenças nas médias entre os participantes que nunca estiveram envolvidos em violência no relacionamento, os que já foram vítimas e os que já foram agressores, foi utilizado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, uma vez que o número de sujeitos que afirmou já ter sido agressor no seu relacionamento foi de apenas 6 e por isso não se poder garantir a normalidade da amostra segundo a teoria do Limite central. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que afirmaram não ter vivenciado qualquer tipo de violência no relacionamento, os que afirmaram já ter sido vítimas de violência no seu relacionamento e os que afirmaram já ter sido agressores, relativamente às representações sociais da VPI, nem relativamente à autoestima nem narcisismo ( $p > .05$  em todos os casos).

No que diz respeito à variável “testemunho de violência na infância”, foi encontrada apenas uma diferença estatisticamente significativa na escala de autoestima [ $t(249) = 2.58, p = .010$ ], sendo que os participantes que não testemunharam qualquer tipo de violência na infância apresentam níveis mais elevados de autoestima. (Tabela 11; Anexo C). O mesmo se verificou com a variável “vítima de violência na infância”, verificando-se apenas uma diferença estatisticamente significativa na escala de autoestima [ $t(249) = 3.89, p < .001$ ]. Os sujeitos que não foram vítimas de qualquer tipo de violência na infância apresentam níveis mais elevados de autoestima (tabela 12; Anexo C).

Relativamente à variável “experiência de qualquer violência”, foi realizado o teste  $t$  de student, sendo que houve também apenas uma diferença

estatisticamente significativa entre os que já experienciaram violência e os que não experienciaram, em relação à autoestima, [ $t(249) = 3.32, p = .001$ ], sendo que os participantes que nunca experienciaram algum tipo de violência apresentaram níveis mais elevados de autoestima.

#### 4.4. Preditores das representações sociais da VPI e da autoestima

De modo a avaliar a presença de preditores das representações sociais da VPI, utilizou-se um modelo de regressão linear múltipla, que incluiu como variáveis independentes, ou preditores, o gênero, a escolaridade, as áreas de estudo e “estar atualmente numa relação amorosa” e como variável dependente as representações sociais da VPI (História 1, História 2, História 3, total QRVC-HIS, total ECVC). É de salientar que, em primeiro lugar, as variáveis áreas de estudo e “estar atualmente numa relação amorosa” foram transformadas em variáveis Dummy e foi realizada uma regressão para cada instrumento como variável dependente, visto todos medirem as representações sociais da VPI.

**Tabela 13.** Regressão Linear Múltipla entre as Representações Sociais da VPI (História 1), Gênero, Escolaridade, Atualmente numa Relação, Áreas de Estudo (VD: Representações Sociais da VPI - História 1) (N=251)

Variável	B	SE B	Beta ( $\beta$ )
Constante	14.17	1.97	
Gênero	-1.82	.37	<b>-.30***</b>
Escolaridade	-.06	.12	-.04
Atualmente RA – Nunca RA <sup>a</sup>	.39	.48	.05
Atualmente RA – Não atualmente <sup>b</sup>	-.25	.37	-.04
P-CSH <sup>c</sup>	-.12	.53	-.02
P-EMCE <sup>d</sup>	.49	.52	.08
P-O <sup>e</sup>	-.03	.47	-.01
R <sup>2</sup>		.12	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.10	
$\Delta R^2$		.12	
F		4.83	
$\Delta F$		4.83	

<sup>a</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. nunca esteve numa Relação Amorosa; <sup>b</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. Não, mas já esteve anteriormente; <sup>c</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Ciências Sociais e Humanas; <sup>d</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Engenharias, Matemática e Ciências Empresariais; <sup>e</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. outras áreas.

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

Este modelo de regressão (tabela 13) é estatisticamente significativo e explica 12.2% da variância das respostas à História 1 [ $R^2 = .12; F(7, 243) = 4.83, p < .001$ ]. No que diz respeito à análise do valor preditivo de cada variável contemplada no modelo, apenas o gênero se demonstrou um preditor significativo das respostas à História 1 ( $\beta = -.30, p < .001$ ). Assim, o preditor que mais prediz respostas elevadas à História 1 é ser do gênero masculino.

**Tabela 14.** Regressão Linear Múltipla entre as Representações Sociais da VPI (História 2), Género, Escolaridade, Atualmente numa Relação, Áreas de Estudo (VD: Representações Sociais da VPI - História 2) (N=251)

Variável	B	SE B	Beta ( $\beta$ )
Constante	15.22	2.55	
Género	-1.91	.48	<b>-.25***</b>
Escolaridade	-.07	.15	-.03
Atualmente RA – Nunca RA <sup>a</sup>	1.35	.62	<b>.14*</b>
Atualmente RA – Não atualmente <sup>b</sup>	-.08	.48	-.01
P-CSH <sup>c</sup>	-.08	.68	-.01
P-EMCE <sup>d</sup>	.83	.67	.10
P-O <sup>e</sup>	-.09	.61	-.01
R <sup>2</sup>		.11	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.09	
$\Delta R^2$		.11	
F		4.47	
$\Delta F$		4.47	

<sup>a</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. nunca esteve numa Relação Amorosa; <sup>b</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. Não, mas já esteve anteriormente; <sup>c</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Ciências Sociais e Humanas; <sup>d</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Engenharias, Matemática e Ciências Empresariais; <sup>e</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. outras áreas.

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

O valor da variância explicada na História 2 é de 11.4%, sendo o modelo significativo (tabela 14) [ $R^2 = .11$ ;  $F(7, 243) = 4.47$ ,  $p < .001$ ]. Relativamente ao valor preditivo de cada variável, apesar de todas contribuírem para a variância total, apenas o género ( $\beta = -.25$ ,  $p < .001$ ) e a variável “estar atualmente numa relação amorosa” vs. “nunca esteve numa relação amorosa” ( $\beta = .14$ ,  $p = .030$ ) se apresentam como preditores significativos das respostas à História 2. Isto revela que o que mais prediz as respostas mais elevadas nesta História é ser do género masculino e nunca ter estado envolvido numa relação amorosa.

**Tabela 15.** Regressão Linear Múltipla entre as Representações Sociais da VPI (História 3), Género, Escolaridade, Atualmente numa Relação e Áreas de Estudo (VD: Representações Sociais da VPI - História 3) (N=251)

Variável	B	SE B	Beta ( $\beta$ )
Constante	14.45	1.79	
Género	-1.61	.34	<b>-.30***</b>
Escolaridade	-.13	.11	-.08
Atualmente RA – Nunca RA <sup>a</sup>	.62	.43	.09
Atualmente RA – Não atualmente <sup>b</sup>	-.13	.33	-.03
P-CSH <sup>c</sup>	.26	.48	.04
P-EMCE <sup>d</sup>	.06	.47	.01
P-O <sup>e</sup>	.24	.43	.04
R <sup>2</sup>		.13	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.10	
$\Delta R^2$		.13	
F		5.02	
$\Delta F$		5.02	

<sup>a</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. nunca esteve numa Relação Amorosa; <sup>b</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. Não, mas já esteve anteriormente; <sup>c</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Ciências Sociais e Humanas; <sup>d</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Engenharias, Matemática e Ciências Empresariais; <sup>e</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. outras áreas.

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

Em relação à História 3, o modelo evidencia ser estatisticamente significativo (tabela 15) e explicar 12.6% da variância das respostas [ $R^2 = .13$ ;  $F(7, 243) = 5.02$ ,  $p < .001$ ]. Através da análise dos coeficientes de regressão estandardizados ( $\beta$ ), podemos observar que apenas o género é um preditor significativo das respostas à História 3 ( $\beta = -.30$ ,  $p < .001$ ). Deste modo, ser do género masculino é o que mais prediz valores elevados na História 3.

**Tabela 16.** Regressão Linear Múltipla entre as Representações Sociais da VPI (total QRVC-HIS), Género, Escolaridade, Atualmente numa Relação, Áreas de Estudo (VD: Representações Sociais da VPI - total QRVC-HIS) (N=251)

Variável	B	SE B	Beta ( $\beta$ )
Constante	43.84	5.51	
Género	-5.34	1.04	<b>-.31***</b>
Escolaridade	-.26	.33	-.05
Atualmente RA – Nunca RA <sup>a</sup>	2.37	1.34	.11
Atualmente RA – Não atualmente <sup>b</sup>	-.46	1.03	-.03
P-CSH <sup>c</sup>	.05	1.47	.00
P-EMCE <sup>d</sup>	1.37	1.44	.08
P-O <sup>e</sup>	.30	1.33	.02
$R^2$		.15	
$R^2_a$		.12	
$\Delta R^2$		.15	
F		5.94	
$\Delta F$		5.94	

<sup>a</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. nunca esteve numa Relação Amorosa; <sup>b</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. Não, mas já esteve anteriormente; <sup>c</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Ciências Sociais e Humanas; <sup>d</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Engenharias, Matemática e Ciências Empresariais; <sup>e</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. outras áreas.

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

De acordo com a tabela 16, o modelo de regressão utilizado para prever as respostas do total do QRVC-HIS é estatisticamente significativo e explica 14.6% da variância [ $R^2 = .15$ ;  $F(7, 243) = 5.94$ ,  $p < .001$ ]. Em relação ao valor preditivo de cada variável pertencente ao modelo, também foi o género o único a indicar ser um preditor significativo ( $\beta = -.31$ ,  $p < .001$ ). Assim, segundo este modelo o que mais prediz valores elevados no total do QRVC-HIS é ser do género masculino.

**Tabela 17.** Regressão Linear Múltipla entre as Representações Sociais da VPI (ECVC), Género, Escolaridade, Atualmente numa Relação, Áreas de Estudo (VD: Representações Sociais da VPI - ECVC) (N=251)

Variável	B	SE B	Beta ( $\beta$ )
Constante	31.95	5.31	
Género	-4.40	1.00	<b>-.27***</b>
Escolaridade	.03	.32	.01
Atualmente RA – Nunca RA <sup>a</sup>	3.18	1.29	<b>.16*</b>
Atualmente RA – Não atualmente <sup>b</sup>	-.90	.99	-.06
P-CSH <sup>c</sup>	1.24	1.42	.07
P-EMCE <sup>d</sup>	2.56	1.39	.15
P-O <sup>e</sup>	2.40	1.28	.15
R <sup>2</sup>		.14	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.12	
$\Delta R^2$		.14	
F		5.82	
$\Delta F$		5.82	

<sup>a</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. nunca esteve numa Relação Amorosa; <sup>b</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. Não, mas já esteve anteriormente; <sup>c</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Ciências Sociais e Humanas; <sup>d</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. área de Engenharias, Matemática e Ciências Empresariais; <sup>e</sup> Variável Dummy: área de Psicologia vs. outras áreas.

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

É visível na tabela 17 que o modelo utilizado é estatisticamente significativo, explicando 14.4% da variância das respostas na ECVC [ $R^2 = .14$ ;  $F(7, 243) = 5.82$ ,  $p < .001$ ]. A variável género ( $\beta = -.27$ ,  $p < .001$ ) e a variável Dummy “estar atualmente numa relação amorosa” vs. “nunca esteve numa relação amorosa” ( $\beta = .16$ ,  $p = .014$ ) evidenciam ser os únicos dois preditores significativos do modelo. Deste modo, o que mais prediz respostas mais elevadas no total da ECVC é ser do género masculino e nunca ter estado envolvido numa relação amorosa.

Relativamente aos preditores da autoestima (variável dependente), utilizou-se um modelo de regressão múltipla do tipo hierárquico. Para tal, o primeiro bloco inclui as variáveis predictoras relacionadas com a violência, nomeadamente “testemunho de violência na infância” e “vítima de violência na infância”. O segundo bloco inclui a variável narcisismo (valores do NPI-13) e por fim o terceiro bloco inclui as variáveis sociodemográficas correlacionadas, nomeadamente o género e “estar atualmente numa relação amorosa” como variáveis Dummy.



**Tabela 18.** Regressão Linear Múltipla entre a Autoestima, Testemunho Violência Infância, Vítima Violência Infância, Narcisismo, Género, Atualmente Relação Amorosa (VD: Autoestima) (N=251)

Variável	B	SE B	Beta ( $\beta$ )
<b>Bloco 1</b>			
Constante	31.14	1.25	
Testemunho violência infância	-.73	.79	-.06
Vítima violência infância	-2.55	.85	<b>-.21**</b>
R <sup>2</sup>		.06	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.05	
$\Delta R^2$		.06	
F		<b>7.97***</b>	
$\Delta F$		<b>7.97***</b>	
<b>Bloco 2</b>			
Constante	31.01	1.27	
Testemunho violência infância	-.69	.80	-.06
Vítima violência infância	-2.58	.85	<b>-.21**</b>
Narcisismo (NPI-13)	.54	.86	.04
R <sup>2</sup>		.06	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.05	
$\Delta R^2$		.00	
F		<b>5.43**</b>	
$\Delta F$		.39	
<b>Bloco 3</b>			
Constante	33.59	1.42	
Testemunho violência infância	-.91	.78	-.08
Vítima violência infância	-2.51	.83	<b>-.21**</b>
Narcisismo (NPI-13)	.24	.84	.02
Género	-1.81	.77	<b>-.14*</b>
Atualmente RA – Nunca RA <sup>a</sup>	-3.62	.99	<b>-.23***</b>
Atualmente RA – Não atualmente <sup>b</sup>	-1.26	.78	-.10
R <sup>2</sup>		.12	
R <sup>2</sup> <sub>a</sub>		.10	
$\Delta R^2$		.06	
F		<b>5.77***</b>	
$\Delta F$		<b>5.79***</b>	

<sup>a</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. nunca esteve numa Relação Amorosa; <sup>b</sup> Variável Dummy: Atualmente numa Relação Amorosa vs. Não, mas já esteve anteriormente

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

Podemos observar na tabela 18 que os resultados do primeiro bloco/ modelo desta regressão relativo ao “testemunho de violência na infância” e “vítima de violência na infância” explicam 6% da variância da autoestima e são estatisticamente significativos [ $R^2 = .06$ ;  $F(2, 248) = 7.97$ ,  $p < .001$ ]. Relativamente ao bloco 2, ao ser acrescentada ao modelo a variável narcisismo, a variabilidade da autoestima passa a ser explicada por 6.2%, sendo também estatisticamente significativo [ $R^2 = .06$ ;  $F(3, 247) = 5.43$ ,  $p = .001$ ;  $\Delta F(1, 247) = .39$ ,  $p = .531$ ]. É de salientar, no entanto, que individualmente a variável narcisismo explica apenas mais 0.1% da variância da autoestima ( $\Delta R^2 = .00$ ). Por fim, 12.4% da variação total da autoestima é explicada pelo modelo do 3.º bloco, constituído por todos os preditores e em que foram adicionadas as variáveis sociodemográficas: género e as variáveis Dummy relativas à variável “estar atualmente numa relação amorosa” [ $R^2$

=.12,  $F(6, 244) = 5.77, p < .001$ ].

Posteriormente foi também analisado o valor preditivo de todas as variáveis que constam no modelo final, através dos coeficientes de regressão estandardizados ( $\beta$ ). Assim, o preditor que aparenta ter mais peso e ser mais significativo é “estar atualmente numa relação amorosa” vs. “nunca esteve numa relação amorosa” ( $\beta = -.23, p < .001$ ), seguido do preditor “vítima de violência na infância” ( $\beta = -.21, p = .003$ ) e por último o gênero ( $\beta = -.14, p = .019$ ). Os restantes preditores, apesar de contribuírem para o modelo e para a variância da autoestima, não têm um valor de  $\beta$  nem  $p$  estatisticamente significativos. Assim, verifica-se que nunca ter estado numa relação amorosa, ter sido vítima de violência na infância e ser do gênero feminino são preditores de uma autoestima mais baixa.

## V - Discussão

### 5.1. Estatísticas descritivas (histórico de violência na infância e no relacionamento; descrição dos instrumentos)

Neste estudo verificou-se que mais de metade dos participantes da amostra já testemunharam pelo menos um tipo de violência na infância e/ou adolescência entre os seus pais/cuidadores ou entre outros membros da família próxima. Em relação a ter sido vítima, também durante a infância e/ou adolescência, a percentagem foi menor nesta amostra (32.3%). Em ambos os casos a violência mais reportada foi a psicológica, seguida da violência física. Contudo, estas experiências de violência física podem ser diferentes, pois as crianças serem vítimas pode reportar-se muito provavelmente a castigos ou a formas de educação mais repressivas, enquanto estas testemunharem violência no seio familiar pode reportar-se como VPI ou violência doméstica.

Quanto à violência no relacionamento, a maioria dos participantes afirmou nunca ter estado envolvido, contudo 62 (24.7%) participantes indicaram já ter sido vítimas no relacionamento e 6 identificaram-se como agressores. Estas percentagens são um pouco mais baixas do que as evidenciadas em estudos anteriores (Baptista, 2013; Machado et al., 2003; Straus, 2004), contudo não deixam de ser preocupantes. Tal como se verificou no estudo de Machado, Macieira et al. (2010), a taxa de vitimação é superior à de perpetração da violência nos relacionamentos, pois sendo estes instrumentos de autorresposta, o mais provável é que os indivíduos não se identifiquem como agressores, isto é, perpetradores de um comportamento que é socialmente reprovado. Apurámos ainda, neste estudo, que o tipo de violência no relacionamento mais prevalente é a violência psicológica, tal como se verificou na infância. Isto vai ao encontro de algo já verificado anteriormente, visto os tipos de violência mais ligeiros serem mais frequentes, por existir a crença generalizada de que são menos graves e prejudiciais (Baptista, 2013; Machado et al., 2003). Contudo, é importante não desvalorizar os atos de pequena violência, pois estes têm a tendência de ir aumentando de intensidade e escalando com o tempo (Alarcão, 2006).

Relativamente à autoestima dos participantes da amostra, os resultados

mostram ser de nível médio. Esta amostra, no geral, também não aparenta ter níveis elevados de traços narcísicos nem de perturbação narcísica.

## 5.2. Representações sociais sobre a VPI

Nesta amostra de estudantes universitários portugueses evidenciou-se uma baixa aceitação/legitimação da VPI, tal como já evidenciado anteriormente (Baptista, 2013; Dias, 2018; Machado et al., 2003; Monteiro, 2015; Vieira, 2013). Isto pode dever-se à maturação decorrente da idade e dos desafios desta etapa de vida, de eventuais saídas de casa dos pais e confronto com novos contextos, relações e ideais, após a entrada no ensino superior (Baptista, 2013; Vieira, 2013). Um outro motivo para a baixa legitimação é o problema da desajustabilidade social e ainda a maior atenção à VPI que tem surgido atualmente em grande parte devido aos *media* (Baptista, 2013).

As crenças dos participantes desta amostra são mais legitimadoras na História 2 (casal de idosos em que a mulher é a agressora), seguida da História 1 (violência ocorre numa família de elevado estatuto social e a mulher é a vítima), com a História 3 indicando menos legitimação (envolve consumo de álcool e a vítima é uma mulher grávida). Esta maior aceitação da violência na História 2 também se verificou noutros estudos (Aguilar, 2010; Baptista, 2013; Cruz, 2014; Figueiredo, 2010; Mena, 2016; Paiva, 2010; Vieira, 2013) e pode ser explicada em função da vítima ser um homem e não uma mulher, uma vez que até há pouco tempo eram consideradas vítimas exclusivamente as mulheres, emergindo esta tendência para banalizar os atos violentos contra os homens (Carlson & Worden, 2005). De acordo com Price e Byers (1999), a violência perpetrada pela mulher é vista como forma de retaliação ou defesa e sem importância. Carlson e Worden (2005) defendem que existe uma tendência para diminuir a perceção da violência física como violência conjugal quando a vítima é um homem. Além disto, o risco de violência conjugal parece diminuir à medida que a idade avança, o que poderá contribuir para estas crenças mais legitimadoras (Kantor & Jakinsi, 1998 como citado em Aguilar, 2010). Apesar do consumo de substâncias ser também descrito na literatura como um dos fatores que influenciam as representações sociais sobre a VPI, a história 3, que envolve consumo de substâncias, foi a menos legitimada. O facto de todos os participantes se encontrarem a receber formação académica superior pode justificar esta menor legitimação, originando uma maior sensibilização para a violência e menor desculpabilização pelos atos violentos (Paiva, 2010).

Relativamente às variáveis sociodemográficas e concretamente ao género dos participantes, é inegável a maior legitimação da VPI por parte do género masculino. O mesmo se verificou em estudos anteriores (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Machado, Macieira et al., 2010; Mena, 2016; Paiva, 2010; Vieira, 2013; Yilmaz & Taplak, 2021). Deste modo, a hipótese 1 foi confirmada. Este resultado pode dever-se a questões culturais e influência dos papéis de género na sociedade portuguesa, em que a mulher sempre teve uma posição subordinada ao homem, dando continuidade a uma socialização masculina e perpetuando a banalização da violência (Machado et al., 2003; Vieira, 2013).

Tal como referido por alguns autores (Dias, 2018; Ferreira, 2018), neste estudo também não se verificou um efeito significativo da idade dos participantes nas suas representações sociais sobre a VPI. Isto pode ser justificado pelo facto de todos os participantes serem estudantes universitários e as idades se encontrarem muito mais próximas e não tão dispersas como se fosse numa amostra da população geral.

Relativamente às áreas de estudo, os resultados encontrados não estão de acordo com a literatura (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Mena, 2016), não se verificando diferenças nas representações sociais da VPI entre estudantes de psicologia e estudantes de outros cursos. Deste modo, a nossa hipótese 2 não foi confirmada. Contudo, ao contrário do presente estudo, nos outros estudos não parece ter sido controlado o efeito da variável género. Deste modo, os resultados podem ter sido apenas uma replicação do efeito do género nas representações sociais da VPI e não do efeito do curso e área de estudo dos estudantes universitários.

Os resultados evidenciam que quanto maior a escolaridade dos participantes, menor a legitimação da VPI, isto é, os estudantes que se encontram a finalizar o curso legitimam menos a VPI, comparativamente aos que se encontram no início do percurso académico. Estes resultados estão em concordância com estudos prévios (Machado et al., 2003; Paiva, 2010), sendo que a nossa terceira hipótese foi assim parcialmente confirmada, apurando-se apenas na história 3 e no total do QRVC-HIS. Estes resultados podem estar relacionados e ser influenciados pela formação académica dos participantes e desafios característicos desta etapa de vida, que consequentemente aumentam o seu desenvolvimento pessoal e maturação. O ensino superior tende a promover o desenvolvimento de pensamento crítico e resolução de problemas, sendo que quantos mais anos no ensino superior, maior possivelmente será a sensibilização e postura crítica no geral, incluindo sobre a temática da VPI (Paiva, 2010).

Os resultados do presente estudo permitem concluir que indivíduos que nunca estiveram envolvidos numa relação amorosa, apresentam crenças mais legitimadoras da VPI do que o grupo que está atualmente numa relação amorosa e do que o grupo que não se encontra atualmente numa relação amorosa, mas já esteve anteriormente. Deste modo, a hipótese 4 foi parcialmente confirmada, tal como havia já ocorrido noutra estudo (Machado, Caridade et al., 2010). Esta maior legitimação por parte das pessoas que nunca estiveram numa relação amorosa pode estar relacionada com a falta de experiência em relacionamentos, o que diminui os efeitos desenvolvimentais no que diz respeito a relações. Um outro aspeto que pode influenciar estes resultados é a idade dos participantes, sendo que pessoas mais novas tendem a ter menos experiência em relacionamentos amorosos e menor maturação consequente da idade (Baptista, 2013; Vieira, 2013).

### **5.3. Relações entre as variáveis em estudo**

Contrariamente ao referido por Lawal et al. (2019), verificámos neste estudo que a autoestima não teve influência nas representações sociais sobre a VPI dos participantes, visto estes dois construtos não terem apresentado

correlações significativas. Assim, a hipótese 5 não pode ser confirmada. Contudo, o facto de a literatura se centrar essencialmente na relação entre a autoestima e a VPI comparativamente à relação entre a autoestima e as representações sociais sobre a VPI pode ter influência, uma vez que é um tópico ainda pouco abordado e dificulta a compreensão dos resultados obtidos. Ainda assim, uma possível justificação para estes resultados é o facto de que na amostra do presente estudo os valores da escala de autoestima se situarem num nível médio. Isto porque Lawal et al. (2019) constataram no seu estudo que os alunos que apresentavam atitudes mais positivas e legitimadoras relativamente à VPI eram aqueles que tinham baixa autoestima, evidenciando apenas a autoestima baixa como fator de risco para maior legitimação da VPI.

O narcisismo não demonstrou relacionar-se significativamente com as representações sociais da VPI. Estes resultados foram contra o que já havia sido evidenciado anteriormente (Da Silva, 2007), e por isso não se confirmou a hipótese 6. Contudo, Da Silva (2007) chegou a esse resultado no seu estudo com adolescentes com idades entre os 12 e os 18 anos. Deste modo, o facto de ter sido utilizada uma amostra de estudantes universitários e com idades superiores pode justificar os resultados obtidos nesta investigação. O facto de não existirem mais estudos do nosso conhecimento que analisem a relação entre estas duas variáveis pode limitar a sua compreensão, mas deixando por outro lado um leque de hipóteses. Importa ressaltar também que na nossa amostra os valores do NPI-13 foram extremamente baixos, o que indica que os participantes, na sua generalidade, não aparentam ter níveis elevados de traços narcísicos nem uma perturbação narcísica. Estes baixos níveis de narcisismo podem também ser justificados pela questão da deseabilidade social, que faz com que as pessoas respondam de acordo com as normas sociais. Isto pode ter influenciado as baixas pontuações ao NPI-13 e consequentemente ter comprometido a relação entre o narcisismo e as representações sociais da VPI nesta amostra.

No que diz respeito à influência da experiência de ter vivenciado e/ou ter testemunhado violência na infância e/ou adolescência por parte de familiares próximos nas representações sociais sobre a VPI, não se verificou um efeito significativo neste estudo. Assim, a hipótese 7 não foi confirmada, contrariamente ao referido por alguns autores (Ferreira, 2018; Oliveira, 2021; Souza, 2015; Yilmaz & Taplak, 2021). De acordo com Bandura et al. (1961) e a teoria da aprendizagem social, os indivíduos aprendem e imitam os comportamentos que vêm nos seus modelos de referência enquanto crianças. Deste modo, se os seus modelos de referência, geralmente pais e/ou cuidadores, expressam comportamentos violentos no seio familiar, maior será a probabilidade da criança se tornar num adulto agressivo e/ou expressar maior legitimação da violência no geral ou entre parceiros íntimos (Bandura et al., 1961). Contudo, não se demonstrou isto neste estudo. Um dos possíveis motivos para estes resultados prende-se com o facto dos participantes serem estudantes universitários, o que não se verifica na maioria dos estudos referidos anteriormente e deste modo terem maior educação e consciencialização sobre o tema. A influência dos tempos atuais e dos *media* também contribui para isto sendo que atualmente a VPI tem vindo a ser cada

vez mais abordada. Uma outra justificação pode ser a resiliência que as pessoas que vivenciaram violência na infância e/ou adolescência podem desenvolver, assim como o estabelecimento de relações interpessoais seguras e positivas ao longo da vida, que atuam como fatores de proteção e permitem que estas pessoas construam outros modelos que não os aprendidos na observação ou vitimização da violência no passado, podendo inclusive quebrar o ciclo transgeracional da violência na família (Lameira, 2013).

Tal como esperado e demonstrado na literatura (Ackerman et al., 2011; Fields, 2012; Gentile et al., 2013; Hyatt et al., 2018; Rohmann et al., 2012), neste estudo verificou-se que pessoas com níveis mais elevados de autoestima tendem a ter níveis mais elevados de narcisismo e vice-versa. Isto pode justificar-se porque apesar da vulnerabilidade na autoestima, uma das principais características de pessoas com traços narcísicos de grandiosidade é um padrão de grandiosidade e superioridade em relação aos outros, traduzindo-se assim em níveis elevados de autoestima (Ackerman et al., 2011; APA, 2022). Verificou-se, ainda, que os participantes que testemunharam e/ou foram vítimas de violência por parte de pais/cuidadores ou outras pessoas próximas na infância e/ou adolescência apresentam níveis de autoestima mais baixos que os sujeitos que nunca experienciaram situações de violência. Estes resultados vão ao encontro de estudos prévios (Goodman et al., 2021; Papadakaki et al., 2009) e permitem confirmar a hipótese 8 deste estudo. Goodman et al. (2021) defendem que os ambientes em que as crianças crescem influenciam a sua saúde e interações sociais na vida adulta. Deste modo, experiências de vitimação de violência na infância tendem a diminuir a autoestima e fazem com que o indivíduo preste maior atenção e vigilância a possíveis ameaças nas suas relações, sentindo-se menos valorizado pelo outro (Leary, 2005). Consequentemente, essa maior hipervigilância pode originar comportamentos agressivos como mecanismo de defesa, contribuindo para o aumento de perpetuação, vitimação e vitimização de VPI, pois estes indivíduos protegem-se dos sentimentos de inferioridade e vergonha (Papadakaki et al., 2009; Tracy & Robins, 2003).

#### **5.4. Preditores das representações sociais da VPI e da autoestima**

Uma vez que são poucos os estudos que se focam nos preditores das representações sociais da VPI e que verificámos diferenças entre grupos em algumas variáveis em estudo, considerámos pertinente explorar mais aprofundadamente a influência dessas variáveis e o quanto predizem as representações sociais da VPI. Apesar de todas contribuírem em conjunto para a variância das respostas, apenas o género se demonstrou um preditor significativo nas representações sociais da VPI dos estudantes universitários. Deste modo, é possível concluir que, nesta amostra, o que mais prediz as representações sociais positivas sobre a VPI e a elevada legitimação da VPI é ser do género masculino. Apesar de ser mais difícil elaborar hipóteses explicativas para estes resultados, tal como foi referido anteriormente, isto pode ser justificado pelo facto de as vítimas de VPI serem frequentemente mulheres e devido aos papéis de género na sociedade portuguesa, em que o homem tem maioritariamente uma posição de poder sobre a mulher (Machado

et al., 2003; Vieira, 2013), aceitando e legitimando assim mais a VPI (Baptista, 2013; Lameira, 2013; Machado et al., 2003; Machado, Macieira et al., 2010; Mena, 2016; Paiva, 2010; Vieira, 2013; Yilmaz & Taplak, 2021). Verificámos ainda que apenas na História 2 (a mais legitimada) e no total da ECVC, nunca ter estado envolvido numa relação amorosa também se demonstrou um preditor significativo de uma elevada legitimação da VPI. O mesmo se verificou aquando das diferenças entre grupos, sendo que o facto de os sujeitos nunca terem estado numa relação amorosa sugere falta de experiência em relacionamentos e pode relacionar-se com a idade e consequente menor maturidade (Baptista, 2013; Vieira, 2013).

No que diz respeito aos preditores da autoestima, no presente estudo as variáveis que mais demonstraram predizer uma autoestima baixa foram, em primeiro lugar, nunca ter estado envolvido numa relação amorosa, seguida de ter sido vítima de violência na infância e por fim ser do género feminino. Sujeitos que não se encontram numa relação amorosa poder-se-ão sentir pior em relação a si próprios, diminuindo assim a sua autoestima e autoconfiança (Murray et al., 2006). Consequentemente a baixa autoestima pode igualmente promover dificuldade em confiar nos outros e evitamento de relações (Yilmaz & Taplak, 2021). Quanto a ter sido vítima de violência na infância, tal como já referido, diversos autores defendem que diminui os níveis de autoestima e influenciam fortemente as interações sociais na vida adulta (Goodman et al., 2021; Papadakaki et al., 2009). Por fim, ser do género feminino também se demonstrou importante na predição de uma baixa autoestima. Este resultado sugere que os participantes do género masculino têm autoestima mais elevada, o que pode estar relacionado com o facto de frequentemente serem mais agressores do que vítimas e apresentarem crenças mais legitimadoras em relação à VPI. Porém, a instabilidade na autoestima pode também ser fator de risco e promover a vitimação ou a perpetuação da VPI.

### **Conclusões**

Os estudantes universitários portugueses que participaram neste estudo apresentam, no geral, baixos níveis de aceitação e legitimação da VPI. Ao contrário do que se verifica na literatura, a autoestima e o narcisismo não se demonstraram importantes na análise e predição das representações sociais da VPI. Apurámos, igualmente, uma incontestável maior legitimação da VPI nos participantes masculinos, nos sujeitos que nunca estiveram numa relação amorosa e nos participantes que se encontravam no início do seu percurso académico. A experiência de ter vivenciado e/ou ter testemunhado violência na infância e/ou adolescência por parte de familiares próximos não influenciou as representações sociais da VPI, mas influenciou e diminuiu a autoestima dos estudantes universitários. Sublinha-se, ainda, o efeito preditor significativo do género masculino e do facto de nunca ter estado envolvido numa relação amorosa nas representações sociais acerca da VPI.

Apesar de apenas indicadores, estes dados são um pouco preocupantes, pois tendem a evidenciar a existência de uma cultura enraizada de violência na nossa sociedade. Demonstra-se, assim, a urgência das intervenções

precoces de carácter preventivo, dirigidas à população jovem, e com foco na diminuição da perpetração e da legitimação da VPI. Seria importante permitir um processo contínuo de aprendizagem e formação e essencialmente mudança a nível das crenças acerca da VPI na sociedade, uma vez que as crenças influenciam fortemente as atitudes e os comportamentos dos indivíduos. Ressalvamos, por fim, que é crucial a continuação de estudos sobre este fenómeno complexo da VPI, de modo a acrescentar conhecimento científico, colmatar as lacunas na investigação, para que diminuam as situações de violência e vitimações e se promovam relações amorosas mais saudáveis.

É importante frisar que a análise destes resultados implica alguma cautela, dadas as limitações deste estudo. Uma limitação está na grande discrepância entre o número de participantes do género masculino ( $n = 71$ ) e do género feminino ( $n = 180$ ). Isto pode comprometer os resultados, sendo assim importante procurar obter uma amostra mais equilibrada em estudos futuros.

O estudo contou com instrumentos de autorresposta, o que pode ser uma outra limitação devido ao tema da violência ser tão sensível. Assim, a vergonha e a deseabilidade social em referir situações marcantes de violência na vida ou em admitir crenças legitimadoras em relação à VPI, podem ter enviesado as respostas dos participantes, pois existe a tendência para responderem de acordo com o que é culturalmente aceite (Podsakoff et al., 2003). Além disso, o facto de a amostra ter sido obtida por conveniência e o protocolo ter sido administrado online, poderão também ter limitado a população e é possível que apenas pessoas interessadas pelo tópico tenham respondido.

Este estudo teve como participantes apenas estudantes universitários portugueses e uma vez que esta é uma população específica e não representativa da população geral as conclusões apenas se aplicam a esta população. Estudos futuros poderão abranger a análise das representações sociais da VPI a outros grupos sociais menos abordados ou procurar uma amostra que inclua indivíduos com idades, profissões, escolaridade, experiências de vida e culturas diferentes, pois sabe-se que estas são variáveis que potencialmente influenciam as crenças dos participantes.

O Inventário de Personalidade Narcísica-13 (NPI-13) evidenciou algumas fragilidades a nível da consistência interna no presente estudo, o que pode ser considerada também uma limitação e esta escala poderá não ser a melhor a utilizar psicometricamente.

Por fim, constatámos que existem poucos estudos que analisam a relação entre as representações sociais da VPI e o narcisismo, o que dificulta a formação de hipóteses explicativas. Deste modo, esperamos que esta investigação possa contribuir para o desenvolvimento destes estudos. Seria também interessante em estudos futuros aprofundar o efeito do narcisismo nas representações sociais da VPI. Para tal, poder-se-ia comparar uma amostra de sujeitos com perturbação narcísica da personalidade com uma amostra de sujeitos que não apresentam esta perturbação.



## Bibliografia

- Ackerman, R. A., Witt, E. A., Donnellan, M. B., Trzesniewski, K. H., Robins, R. W., & Kashy, D. A. (2011). What does the Narcissistic Personality Inventory really measure? *Assessment*, 18(1), 67-87. <https://doi.org/10.1177/1073191110382845>
- Aguilar, M. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: estudo de validação do questionário de violência conjugal: histórias (QRVC-HIS) e do questionário de violência conjugal: causas, manutenção e resolução (QVC-CMR) com uma amostra da população geral*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/15414>
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. (3ª edição). Quarteto Editora.
- Amad, S., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2021). Self-Esteem, Narcissism, and Aggression: Different Types of Self-Esteem Predict Different Types of Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(23-24), NP13296–NP13313. <https://doi.org/10.1177/0886260520905540>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.). APA. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425787>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2012). *Tipos de violência*. <https://apav.pt/vd/index.php/vd/tipos-de-violencia>
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63(3), 575–582. <https://doi.org/10.1037/h0045925>
- Baptista, M. (2013). *Representações da violência entre parceiros íntimos em estudantes universitários de Coimbra*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/25886>
- Braga, T., Pechorro, P., Jesus, S. N., & Gonçalves, R. A. (2018). Autoestima, narcisismo e dimensões de delinquência juvenil: Que relação? *Análise Psicológica*, 36(2), 145-157. <https://doi.org/10.14417/ap.1361>
- Caiozzo, C. N., Houston, J., & Grych, J. (2016). Predicting aggression in late adolescent romantic relationships: A short-term longitudinal study. *Journal of Adolescence*, 53(1), 237–248. <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.10.012>
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485–493. <https://doi.org/10.14417/ap.541>
- Carlson, B. E., & Worden, A. P. (2005). Attitudes and beliefs about domestic violence: results of a public opinion survey: I. Definitions of domestic violence, criminal domestic violence, and prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(10), 1197–1218. <https://doi.org/10.1177/0886260505278530>
- Casimiro, C. (2002). Representações sociais de violência conjugal. *Análise social*, 37(163), 603-630. <http://hdl.handle.net/10071/5681>

- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (s.d.). *Portal da Violência Doméstica: Indicadores Estatísticos*. Recuperado em 16 de fevereiro, 2023, de <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/portal-violencia-domestica/indicadores-estatisticos/>
- Cruz, A. F. A. (2014). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos: Estudo Exploratório junto de Profissionais de Saúde. Influência do Sexo e Anos de Experiência Profissional*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Reportório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/27884>
- Da Silva, K. S. (2007). *The role of narcissism and self-esteem in predicting peer-oriented and dating aggression in a sample of high-risk youths* [Doctoral dissertation, Simon Fraser University]. Simon Fraser University Repository. <https://summit.sfu.ca/item/2554>
- Denissen, J. J. A., Penke, L., Schmitt, D. P., & van Aken, M. A. G. (2008). Self-esteem reactions to social interactions: Evidence for sociometer mechanisms across days, people, and nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *95*(1), 181–196. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.181>
- Dhouib, H., Omri, S., Daoud, M., Amar, W. B., Smaoui, N., Feki, R., Bouali, M. M., Charfi N., & Maalej, M. (2021). Intimate partner violence and self-esteem. *European Psychiatry*, *64*(S1), S836-S836. <https://doi.org/10.1192/j.eurpsy.2021.2208>
- Dias, M. J. A. (2018). *Agressão e crenças acerca da violência nas relações íntimas em contexto universitário*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/10400.6/9334>
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psicologica*, *43*(1), 105-124. <http://hdl.handle.net/10071/13703>
- Ferreira, I. F. D. C. (2018). *Exposição à violência conjugal, crenças legitimadoras e perpetração (reclusos vs. não reclusos)*. [Dissertação de Mestrado, ISPA - Instituto Universitário]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/6844>
- Fields, S. K. (2012). *Narcissism and Intimate Partner Violence: An Establishment of the Link and Investigation of Multiple Potential Mediators* [Master's thesis, East Tennessee State University]. Electronic Theses and Dissertations. <https://dc.etsu.edu/etd/1222>
- Figueiredo, J. F. S. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: Estudo exploratório junto de agressores*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/18473>
- Galeli, P. R., & Antoni, C. (2018). Mulheres que vivenciaram violência conjugal: concepções sobre suas ações, o homem autor e a experiência. *Nova Perspectiva Sistêmica*, *27*(61), 82-92. <https://doi.org/10.38034/nps.v27i61.419>
- Gentile, B., Miller, J. D., Hoffman, B. J., Reidy, D. E., Zeichner, A., & Campbell, W. K. (2013). A test of two brief measures of grandiose narcissism: The

- Narcissistic Personality Inventory-13 and the Narcissistic Personality Inventory-16. *Psychological Assessment*, 25(4), 1120-1136. <https://doi.org/10.1037/a0033192>
- Goodman, M., Wangamati, S. A., Maranga, F. K. N., Gitari, S., Seidel, S., & Keiser, P. (2021). Childhood Experiences and Intimate Partner Violence Among Kenyan Males: Mediation by Self-Esteem and Impulsivity. *Journal of interpersonal violence*, 36(19-20), 9035–9059. <https://doi.org/10.1177/0886260519862278>
- Green, A., MacLean, R., & Charles, K. (2020). Unmasking gender differences in narcissism within intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, 167, 110247. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110247>
- Griffiths, A. (2019). Domestic Violence in Teenage Intimate Relationships: Young People's Views on Awareness, Prevention, Intervention and Regaining One's Sense of Wellbeing. *Educational & Child Psychology*, 36(1), 9-26. <https://doi.org/10.53841/bpsecp.2019.36.1.9>
- Güler, A., Bankston, K., & Smith, C. R. (2022). Self-esteem in the context of intimate partner violence: A concept analysis. *Nursing forum*, 57(6), 1484–1490. <https://doi.org/10.1111/nuf.12798>
- Hyatt, C. S., Sleep, C. E., Lamkin, J., Maples-Keller, J. L., Sedikides, C., Campbell, W. K., & Miller, J. D. (2018). Narcissism and self-esteem: A nomological network analysis. *PLoS ONE*, 13(8), e0201088. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0201088>
- Kernberg, O. F. (1998). Pathological narcissism and narcissistic personality disorder: Theoretical background and diagnostic classification. In E. F. Ronningstam (Ed.), *Disorders of narcissism: Diagnostic, clinical, and empirical implications* (pp. 29–51). American Psychiatric Association.
- Lameira, T. (2013). *Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/24215>
- Lawal, A. M., Idemudia, E. S., & Ojedokun, O. A. (2019). Age, Alcohol Attitude and Self-Esteem Effects on Attitudes toward Intimate Partner Violence. *North American Journal of Psychology*, 21(1), 173-188.
- Leary, M. R. (2005). Sociometer theory and the pursuit of relational value: Getting to the root of self-esteem. *European Review of Social Psychology*, 16, 75-111. <https://doi.org/10.1080/10463280540000007>
- Lelaurain, S., Restivo, L., & Apostolidis, T. (2022). When “the Dream Dies” But the Ideal Persists: Representations of the Couple Relationship and Its Connection to Intimate Partner Violence Experiences. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(17-18), 16596-16622. <https://doi.org/10.1177/08862605211023484>
- Lopes, B. D. J., Carvalho, F. M. D. S. B., Pereira, L. B., Sousa, M. C. S., & Silva, T. C. (2022). Crenças sobre a violência conjugal: uma explicação a partir dos valores humanos. *Actualidades en Psicología*, 36(133), 13-26. <https://doi.org/10.15517/ap.v36i133.43460>

- Machado, C. (2005). Violência nas famílias portuguesas: um estudo representativo na região do Norte. *Psychologica*, 40, 173-194.
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x>
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology*, 2014(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/897093>
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. M. (2004). Escala de crenças sobre violência conjugal (ECVC). In L. Almeida, M. Simões, C. Machado & M. M. Gonçalves (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa. Vol. II* (pp. 127-140). Quarteto.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, T.S., Macieira, I.M., & Carreiras, M. C. (2010). Violência nas relações de namoro: Influência de crenças e área de formação. *Psicologia Educação e Cultura*, 14(2), 355-372.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. (3ª ed.). Edições Sílabo.
- Matheson, F. I., Daoud, N., Hamilton-Wright, S., Borenstein, H., Pedersen, C., & O'Campo, P. (2015). Where did she go? The transformation of self-esteem, self-identity, and mental well-being among women who have experienced intimate partner violence. *Women's health issues*, 25(5), 561-569. <https://doi.org/10.1016/j.whi.2015.04.006>
- Matos, M. (2003). Violência conjugal. In C., Machado & R. A., Gonçalves (Eds.), *Violência e vítimas de crimes* (pp.81-130). Quarteto. <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1088195>
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. Relatório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/5735>
- Mena, J. (2016). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/33106>
- Miller, P. J., & Cho, G. E. (2018). *Self-esteem in time and place: How American families imagine, enact, and personalize a cultural ideal*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780199959723.001.0001>
- Monteiro, A. S. C. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: a atitude dos jovens universitários acerca da violência no namoro*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/83267>
- Moscovici, S. (1972). *Introduction à la psychologie sociale*. Librairie Larousse.

- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Collins, N. L. (2006). Optimizing assurance: The risk regulation system in relationships. *Psychological Bulletin*, *132*(5), 641-666. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.5.641>
- Neves, S., Correia, A., Borges, J., Rocha, H., Costa, S., Peixoto, S., Rodrigues, C., Duarte, A., & Allen, P. (2022, fevereiro 15). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas – 2020/2021*. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. <https://www.cig.gov.pt/2022/02/estudo-nacional-demonstra-dados-de-violencia-no-namoro-no-ensino-superior/>
- Oliveira, I. D. (2021). *Violência no namoro: legitimação da violência nas relações amorosas entre adolescentes*. [Tese de doutoramento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/12125>
- Orth, U. (2018). The family environment in early childhood has a long-term effect on self-esteem: A longitudinal study from birth to age 27 years. *Journal of personality and social psychology*, *114*(4), 637–655. <https://doi.org/10.1037/pspp0000143>
- Paiva, L. (2010). *Violência conjugal: representações sociais e atribuições numa amostra de Estudantes de Psicologia do Mestrado Integrado*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/15420>
- Papadakaki, M., Tzamalouka, G., Chatzifotiou, S., & Chliaoutakis, J. (2009). Seeking for risk factors of Intimate Partner Violence (IPV) in a Greek national sample: The role of Self-Esteem. *Journal of Interpersonal Violence*, *24*(5), 732–750. <https://doi.org/10.1177/0886260508317181>
- Pechorro, P., Gentile, B., Ray, J. V., Nunes, C., & Gonçalves, R. A. (2016). Adaptation of the Narcissistic Personality Inventory among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law*, *22*(5), 495-511. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2016.1168421>
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, *25*(5/6), 174-179.
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R. A., Simões, M. R., & Oliveira, J. P. (2019). Estudo de Validação do Inventário de Personalidade Narcísica–13 numa Amostra Escolar de Jovens Portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, *1*(50), 71-82. <https://doi.org/10.21865/RIDEP50.1.06>
- Pincus, A. L., & Lukowitsky, M. R. (2010). Pathological narcissism and narcissistic personality disorder. *Annual Review of Clinical Psychology*, *6*(1), 421–446. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131215>
- Plouffe, R. A., Wilson, C. A., & Saklofske, D. H. (2022). The role of dark personality traits in intimate partner violence: A multi-study investigation. *Current Psychology*, *41*(6), 3481–3500. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00871-5>
- Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B., Lee, J.-Y., & Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: A critical review of the literature and

- recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879–903. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.88.5.879>
- Porto, M. (2006). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, 8(16), 250-273. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222006000200010>
- Prasad, S., & Periyar, R. (2019). Factors Influencing Intimate Partner Violence. *Indian Journal of Community Health*, 31(1), 04-09. <https://doi.org/10.47203/IJCH.2019.v31i01.002>
- Price, E. L., & Byers, E. S. (1999). The Attitudes Towards Dating Violence Scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351–375. <https://doi.org/10.1023/A:1022830114772>
- Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(5), 890-902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.5.890>
- Rodrigues, A. M., Marcos, A. M., Soares, H. M., Furtado, L. C. D. R., Gomes, L. M. S. M., & Lima, T. F. (2022). Violence in intimacy relationships in young people: research-action in the initial training of nurses. *International Journal of Health Science*, 2(33), 1-9. <https://doi.org/10.22533/at.ed.1592332230066>
- Rohmann, E., Neumann, E., Herner, M. J., & Bierhoff, H.-W. (2012). Grandiose and vulnerable narcissism: Self-construal, attachment, and love in romantic relationships. *European Psychologist*, 17(4), 279–290. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000100>
- Romano, A., Negreiros, J., & Martins, T. (2007). Contributos para a validação da escala de auto-estima de Rosenberg numa amostra de adolescentes da região interior norte do país. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 109-116. <https://hdl.handle.net/10216/93221>
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the Adolescent Self-Image*. Princeton, NJ: Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9781400876136>
- Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior. In R. Fernandes, M. J. Gouveia, & J. T. Lopes (Eds.), *Conferência Internacional Avaliação psicológica: Formas e Contextos (Vol. XIII)*, Braga. <https://hdl.handle.net/10216/16164>
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg [Confirmatory factor analysis and preliminary validation of a Portuguese version of the Rosenberg Self-Esteem Scale]. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 8(2), 253–268. <http://hdl.handle.net/10216/16170>
- Soldevilla, J. M., Feixas, G., Varlotta, N., & Cirici, R. (2014). Characteristics of the construct systems of women victims of intimate partner violence. *Journal of Constructivist Psychology*, 27(2), 105-119. <https://doi.org/10.1080/10720537.2014.879521>
- Souza, M. C. D. (2015). *A intergeracionalidade na violência por parceiros íntimos: revisão sistemática*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Relatório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/157279>

- Stevens, S. A. (2013). *Pathological narcissism as it relates to intimate partner violence* (Publication No. 3639865) [Doctoral dissertation, The Chicago School of Professional Psychology]. ProQuest Dissertations and Theses Global.
- Stokes, C., Alonso, J., Andrade, L., Atwoli, L., Cardoso, G., Chiu, W. T., Dinolova, R., Gureje, O., Karam, A., Karam, E., Kessler, R., Chatterji, S., King, A., Lee, S., Mneimneh, Z., Oladeji, B., Petukhova, M., Rapsey, C., Sampson, N., ... Bossarte, R. (2020). Pre-marital predictors of marital violence in the WHO World Mental Health (WMH) Surveys. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 55(3), 393-405. <https://doi.org/10.1007/s00127-019-01703-z>
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790–811. <https://doi.org/10.1177/1077801204265552>
- Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/Symbolic Aggression in Couples: Incidence Rates and Relationships to Personal Characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 346-357. <https://doi.org/10.2307/353066>
- Sugarman, D.B., & Hotaling, G.T. (1989). Dating violence: Prevalence, context, and risk markers. In M.A. Pirog-Good & J.E. Stets (Eds.), *Violence in dating relationships: Emerging social issues* (pp 3-32). Pareger.
- Tracy, J. L., & Robins, R. W. (2003). “Death of a (narcissistic) salesman”: An integrative model of fragile self-esteem. *Psychological Inquiry*, 14(1), 57-62.
- Vala, J., & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (9ª ed., pp. 569-715). Fundação Calouste Gulbenkian. <http://hdl.handle.net/10451/8702>
- Vallejos, C. C. C., Gutmann, V. L. R., Brum, A. N., Silva, C. D., Acosta, D. F., & Mota, M. S. (2021). Structural comparison of women's and men's representations regarding violence. *Revista Enfermagem Uerj*, 29(1), 1-9. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2021.58401>
- Vieira, A. M. D. S. (2013). *Representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Relatório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/25315>
- World Health Organization. (2021, March 9). *Violence against women*. <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
- World Health Organization. (2022, May 19). *World health statistics 2022: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240051157>
- Yilmaz, F. A., & Taplak, A. S. (2021). Relationship between self-esteem, perception of gender and attitudes towards dating violence among university students. *Perspectives in Psychiatric Care*, 57(2), 911–919. <https://doi.org/10.1111/ppc.12634>

## Anexos

### Anexo A. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

#### História 1

Arménio é um engenheiro chefe de 40 anos, casado com Manuela, enfermeira de 38 anos; tem dois filhos, o Marcos, com 15 anos, e a Sara, que tem 13 anos. A Manuela confidenciou a uma colega de trabalho que as coisas não andam bem na sua vida de casada. O Arménio é uma pessoa completamente diferente dentro e fora de casa. No trabalho, com os amigos e vizinhos, é muito simpático, sempre disponível; mas com ela é bastante rude: chama-lhe “ignorante” (achando que tudo o que ela diz está errado e que “dela só sai asneira”) ou deixa-a a falar sozinha e vai-se embora, dizendo-lhe que tem vergonha dela porque nem gosto tem para se vestir. Por vezes, quando a Manuela se atrasa no serviço, o Arménio chega a dar-lhe umas bofetadas porque o jantar não está feito a horas e ele, assim, não consegue chegar pontualmente às reuniões de trabalho.

A Manuela diz que os filhos não se apercebem de nada porque estes desentendimentos nunca acontecem à frente deles e ela faz por se mostrar alegre quando eles estão por perto.

#### História 2

A Luísa é uma mulher de 60 anos, mas ainda tem muitos afazeres: trabalha na agricultura, faz umas horas por semana na limpeza de casas e, à noite, ainda tem uns trabalhos de costura. Tudo isto a cansa muito e a torna muito irritável. O António tem a mesma idade e é carpinteiro: quando chega a casa o que mais quer é poder descansar de um trabalho de que gosta, mas que já começa a ser pesado. Ele já conhece a mulher que tem e tenta passar despercebido; senão “sobra” para ele. A Luísa, quando fala para ele é sempre a ralhar, dizendo que “quem usa calças lá em casa é ela”, que ele “é um inútil”, e, por vezes, o António tem de se baixar para não “apanhar com objetos voadores” que a mulher atira quando está mais exasperada. O António diz isto a sorrir, como que a desvalorizar a situação, mas sempre vai adiantando que, por vezes, não é rápido que chegue pelo já teve de ir receber tratamento médico. Desculpa a mulher, dizendo que a vida dela nunca foi fácil pois desde pequena foi sempre uma sacrificada. Acha que, apesar de tudo, ela é uma boa mulher, pois é trabalhadora e a casa está “sempre um brinco”. Claro que gostaria de ter mimo em vez de “ralhetes e pancadaria”, mas conclui “que não se pode ter tudo” e “nesta idade, já não há que esperar muito da vida”. Por outro lado, o António refere que a Luísa só se torna “uma fera” quando está cansada com tanto trabalho: a “culpa é deste trabalho todo que é preciso fazer para se ter alguma coisita”.

#### História 3

A Deolinda tem 30 anos, é doméstica e está casada há apenas 3 anos, com o Esteves, mas não tem sido fácil manter este casamento. O Esteves tem sensivelmente a mesma idade, trabalha na construção civil e gosta de beber



uns copos com os amigos, depois do trabalho, e quando chega a casa, com um bocadinho a mais de vinho, fica difícil para a Deolinda. Começa por implicar com o jantar: “se é peixe, apetecia-lhe carne, se é carne, queria peixe”! Culpa a Deolinda de fazer de propósito para o irritar, fazendo sempre o contrário do que ele pede. Quando fica mesmo descontrolado chega a bater na mulher, que se encontra grávida de 4 meses. Ela tem umas nódoas negras, “mas nunca foi preciso ir ao médico por causa das agressões”. A Deolinda continua a achar que o Esteves é uma boa pessoa, preocupado com ela e o outro filho (que tem 2 anos). É o vinho que o torna violento; “quando lhe passa a bebedeira, vem pedir desculpa, a chorar, e eu sei que é do fundo do coração”.

## Anexo B. Alfas de Cronbach dos instrumentos

**Tabela 1.** Alfas de Cronbach obtidos no QRVC-HIS, na ECVC, na EAR e no NPI-13 (N=251)

	Alfa de Cronbach	Número de itens
História 1	.70	10
História 2	.80	10
História 3	.79	10
Total QRVC-HIS	.90	30
Total ECVC	.88	25
Total EAR	.90	10
Total NPI-13	.65	13
Fator LA	.74	4
Fator GE	.64	5
Fator EE	<b>.30</b>	4

*Nota.* QRVC-HIS: Questionário de Violência Conjugal – Histórias; ECVC: Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; EAR: Escala de Autoestima de Rosenberg; NPI-13: Inventário de Personalidade Narcísica - 13

**Anexo C. Testes *t* de student para a variável “Testemunho de violência na infância” e “Vítima de violência na infância”**

**Tabela 11.** *Teste t de student e d de Cohen para a variável Testemunho de violência na infância (N=251)*

	Não testemunhou violência		Testemunhou violência		<i>t</i> (249)	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
História 1	11.84	2.25	12.12	3.10	-.82	-.10
História 2	13.20	3.05	13.24	3.88	-.09	-.01
História 3	11.61	2.47	11.48	2.45	.40	.05
Total						
QRVC-HIS	36.65	6.82	36.84	8.45	-.20	-.03
Total ECVC	31.28	7.59	30.96	7.17	.34	.04
Total EAR	27.60	5.44	25.76	5.84	<b>2.58**</b>	.33
Total NPI-13	3.03	2.34	3.52	2.38	-1.65	-.21

*Nota.* QRVC-HIS = Questionário de Violência Conjugal – Histórias; ECVC = Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; EAR = Escala de Autoestima de Rosenberg; NPI-13 = Inventário de Personalidade Narcísica - 13  
\**p* < .05. \*\**p* < .01. \*\*\* *p* < .001

**Tabela 12.** *Teste t de student para a variável vítima de violência na infância (N=251)*

	Não vítima de violência		Vítima de violência		<i>t</i> (249)	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
História 1	11.93	2.70	12.09	2.73	-.43	-.06
História 2	13.25	3.35	13.16	3.79	.18	.03
História 3	11.51	2.52	11.62	2.33	-.32	-.04
Total						
QRVC-HIS	36.69	7.58	36.86	7.90	-.17	-.02
Total ECVC	30.95	7.34	31.47	7.46	-.52	-.07
Total EAR	27.62	5.28	24.70	6.09	<b>3.89***</b>	.53
Total NPI-13	3.20	2.30	3.44	2.50	-.77	-.10

*Nota.* QRVC-HIS = Questionário de Violência Conjugal – Histórias; ECVC = Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; EAR = Escala de Autoestima de Rosenberg; NPI-13 = Inventário de Personalidade Narcísica - 13  
\**p* < .05, \*\**p* < .01, \*\*\**p* < .001